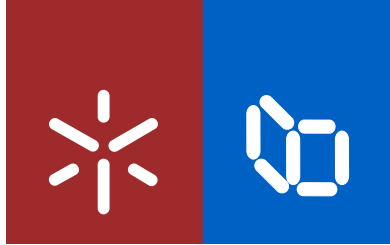




**Universidade do Minho**  
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Ana Ng Cen

**Alguns aspetos da variação linguística num manuscrito e no impresso *Arte China*, de Joaquim Gonçalves**



**Universidade do Minho**  
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Ana Ng Cen

**Alguns aspetos da variação linguística num  
manuscrito e no impresso *Arte China*,  
de Joaquim Gonçalves**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês:  
Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Anabela Leal de Barros**

## Declaração

Nome: Ana Ng Cen

Endereço electrónico: anangc19870614@gmail.com

Telefone: 964319713

Número do Passaporte: F0048024

Título da dissertação: **Alguns aspetos da variação linguística num manuscrito e no impresso *Arte China*, de Joaquim Gonçalves**

Orientadora: Professora Doutora Anabela Leal de Barros

Ano de conclusão: 2015

Designação do Mestrado: Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês:

Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

É autorizada a reprodução integral desta dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Universidade do Minho, / /

Assinatura: \_\_\_\_\_

AOS MEUS PAIS  
PELO AMOR, CARINHO, E COMPREENSÃO



## Agradecimentos

Chegou o momento de expressar a minha gratidão a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço profundamente à Professora Doutora Anabela Leal de Barros, minha orientadora da dissertação, pelo trabalho incansável, pela paciência, dedicação, apoio, exigência e pelas oportunidades de crescimento, para além dos conhecimentos que me transmitiu e pela imensa simpatia.

À Professora Doutora Sun Lam, Diretora do Curso de Mestrado em *Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial*, pela oportunidade que me deu de fazer o mestrado na Universidade do Minho e pelo seu apoio, académico e pessoal.

Aos meus pais, pelo amor e incentivo. Aos meus irmãos André, Juana e Angelica Ng Cen, pelo apoio e ajuda para o acesso a informações e dados das bibliotecas de Macau.

A Wang Xiao e a Cui Zhe, por estarem presentes, e pela paciência, compreensão e apoio ao longo de todo este processo.

A todos os docentes do Curso de Mestrado em *Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial*, pela sua dedicação e pelos conhecimentos transmitidos.

Aos meus grandes amigos Yang Shu, Han Ying, Zheng Shanpei e Zang Xiaobin, pelo encorajamento para enfrentar este desafio, pela sua grande amizade e ajuda. Aos meus colegas de mestrado, pela amizade e apoio, a todos os níveis.

Ao Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, pela oportunidade de formação académica no Programa de Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês.

## Resumo

O padre lazarista Joaquim Afonso Gonçalves foi um sinólogo português muito conhecido e importante em Macau durante o século XIX. Durante a sua vida como professor de língua chinesa no seminário de S. José em Macau, publicou a *Arte China*, uma gramática chinesa utilizada pelos alunos portugueses para a aprendizagem da língua chinesa. No presente estudo compara-se o texto dessa obra com o de um manuscrito inédito elaborado pelo mesmo autor, tendo em conta que alguns destes conteúdos podem ter sido reutilizados, reeditados, reescritos e resumidos ou modificados para inclusão na gramática impressa. O presente trabalho estuda alguns casos de variação linguística que existem entre as duas obras, através da análise de um conjunto de frases com formulações sinónimas, na língua portuguesa e chinesa, em ambas as obras. Tendo em conta que as obras são elaboradas e utilizadas em Macau, apresentam-se os contextos interculturais e sociolinguísticos relacionados com cada uma das frases e respetiva variação. Através deste estudo poderemos compreender qual a importância da variação linguística no ensino de línguas, e de que formas está presente nas duas obras didáticas do padre lazarista, evidenciando a riqueza e elasticidade tanto da língua portuguesa como da língua chinesa.

Palavras-chave: variação e mudança, estudos interculturais português-chinês, *Arte China*, Joaquim Gonçalves.





## 摘要

江沙维神父是葡萄牙遣使会的一员，他在澳门聖若瑟修道院担任汉语教师期间出版了《汉字文法》(1829)一书。此书及其未出版的手稿都是曾经在修院汉语课堂上使用的教材。两者皆有葡汉对照的内容，手稿的一部分内容虽然在《汉字文法》中出现，但其中的句式或用词并不完全一样。本文研究的重点正是这些并不完全一样的部分，通过对具有此特点的葡语句子和汉语句子的对比分析，并结合其跨文化及社会语言特点，研究其中的语言变体现象。本文旨在找出语言变体在两书中的体现方式，及其对外语教学的重要性，进而突出葡萄牙语和汉语的灵活性。



## Abstract

Padre Joaquim Afonso Gonçalves was a distinguished Portuguese sinologist in Macao. During his life as a teacher of Chinese language at the seminary of St. Joseph in Macao, he published the *Arte China*, a very important Chinese grammar since the nineteenth century, which was used by his Portuguese speaking students to learn Chinese language. In addition to this important grammar, in this study we also used an unpublished manuscript prepared by the same author, which has been transcribed and was also included in a critical edition called *Gramática e Diálogos em Português e Chinês*, by Anabela Leal de Barros and Ana Ng Cen. Some of the content of the manuscript could have been reused, reprinted, rewritten or modified and summarized to be included in the printed grammar *Arte China*. This dissertation studies the cases of linguistic variation existing between the *Arte China* and the manuscript by analyzing a set of sentences with synonymous formulations in the Portuguese and the Chinese language collected in both books. As these books are elaborated and also used in Macao, it is crucial to mention the intercultural and sociolinguistic contexts related to the situation of each sentence in the analysis. Through this study, we can understand the importance of linguistic variation when teaching language, and then, how linguistic variation is reflected in both didactic books of the Lazarist priest, to show the elasticity of Portuguese and Chinese.



# Índice

Agradecimentos .....	v
Resumo .....	vii
摘要.....	ix
Abstract.....	xi
Introdução .....	1
Capítulo I	
1. Breve apresentação do Padre Joaquim A. Gonçalves .....	3
2. <i>Arte China</i> 《漢字文法》 .....	6
3. Um manuscrito de Joaquim Afonso Gonçalves .....	8
Capítulo II	
1. A variação linguística.....	11
2. Tipos de variação .....	12
3. Níveis de variação linguística .....	15
4. A variação linguística no português .....	16
5. O português na Ásia.....	17
Capítulo III	
1. Frases com variação a nível lexical .....	21
2. Frases com variação a nível morfológico e sintático .....	58
Conclusão.....	63
Anexo.....	67
Referências bibliográficas .....	71



## Introdução

Em inícios do século XIX, outros padres e missionários tinham já descrito o chinês em dicionários e gramáticas, todavia, o Padre Joaquim Gonçalves foi um dos primeiros a preocupar-se com a criação e o desenvolvimento de um método didático de notável sistematicidade para o ensino do chinês ou *mandarim*, como aquela língua já era chamada, nessa altura, pelos padres, missionários portugueses ou falantes de português que chegavam a Macau para se dedicarem à evangelização. Ao longo dos anos em que o padre lazarista foi estudando e aprofundando a língua chinesa, ao mesmo tempo que a ensinava, foi criando material diverso para o ensino-aprendizagem do chinês como língua estrangeira. Como seria de prever, foi elaborando diferentes cadernos, manuscritos, nos quais registava os exercícios e métodos de ensino utilizados na sala de aula; estes, ou partes destes, acabaram por ir sendo reutilizados, reeditados, reescritos e resumidos ou modificados para inclusão numa versão impressa da sua gramática e método de ensino, a *Arte China* (Gonçalves, 1829).

Assim, a *Arte China* apresenta certas diferenças em relação aos conteúdos dos cadernos manuscritos. Estas diferenças, em alguns casos, alteram o significado da frase enquanto noutros conseguem manter o mesmo significado mas oferecer uma estruturação ou uma formulação diferentes. Algumas diferenças encontradas nos textos acontecem a nível lexical, na seleção de verbos, substantivos, adjetivos, advérbios ou pronomes, existindo igualmente casos em que o autor substitui frases por uma só forma ou expressão, e vice-versa; assim, por exemplo, de uma obra para a outra utiliza-se por vezes uma oração relativa em vez de uma palavra. Interessa, pois, observar detalhadamente o propósito que subjazia a cada uma destas alterações e preferências, do manuscrito para o impresso, tendo sempre presente que um não é o rascunho do outro, mas apenas um dos muitos cadernos do mestre, com informação vária não contida na *Arte*, e outra aí contida com muita aproximação textual relativamente àquela que se lê na obra de 1829. Não podemos afirmar que fosse



necessária e seguramente objetivo do professor apresentar essa variação aos seus estudantes, uma vez que as variantes se fazem apenas notar quando se comparam com bastante atenção as mesmas passagens em lugares distintos de cada uma das fontes, e também em cada uma destas obras em particular, e sobretudo quando se dispõe ao mesmo tempo do manuscrito e do impresso. No manuscrito, existem diferentes modos de articular e veicular um mesmo conteúdo tanto em português como em chinês, e pretendo deter-me especialmente sobre eles e sobre o interesse de fornecer aos alunos diferentes maneiras de expressar uma mesma ideia. Qual era a importância de estudar com os alunos as variedades linguísticas? Com vista a contribuir para o aperfeiçoamento dos métodos de ensino do português e do chinês, procurarei as respostas para essa questão e algumas outras, através da análise, no presente trabalho, de algumas das referidas diferenças variacionais.

# Capítulo I

## 1. Breve apresentação do Padre Joaquim A. Gonçalves

Sobre o pouco que se sabe acerca da biografia de Joaquim Afonso Gonçalves já vários autores se têm debruçado, desde Inocêncio da Silva (1860) até Tao Yang (2013: 9-10), passando por J. Van den Brandt (1936: 25), Liu Xianbing (1994: 38), Barroso da Fonte (1998: 268), António Aresta (2000: 677-678), Joseph Levi (2007: 211-213), Keiichi Uchida (2011: 229) e Anabela Barros (2014<sup>1</sup>: 104-108).

Joaquim Afonso Gonçalves nasceu em Portugal, numa pequena povoação de Trás-os-Montes chamada Tojal, do distrito de Vila Real, no dia 23 de março de 1781, segundo indica o padre lazarista Jacobus Van den Brandt (1837-1936) na obra intitulada *Les lazaristes en Chine, 1697-1935*, publicada no mesmo ano do seu falecimento (1936: 25). Aos dezoito anos, entrou no Seminário de Rilhafoles, em Lisboa, e dois anos mais tarde fez os seus votos como padre lazarista. Como indica Barroso da Fonte (1998: 268), partiu para a China em 1812, chegando ao Oriente com uma idade por volta dos trinta e dois anos. António Aresta (2000: 2), seguindo provavelmente as informações mais antigas que se conhecem, de Inocêncio da Silva (1860: 57), embora não o cite nem inclua na bibliografia, refere que “Joaquim Afonso Gonçalves, padre da Congregação da Missão ou de S. Vicente de Paulo, vinha precedido da fama de ser exímio na música, nas matemáticas e na teologia, qualidades que, pensava-se, seriam de grande importância na Corte Imperial em Pequim”. Alimentava, pois, o desejo de trabalhar na Corte, como muitos outros missionários europeus. Entre estes podemos referir o jesuíta alemão Johann Adam Schall von Bell (1591-1666), o jesuíta italiano Giuseppe Castiglione (1688-1766), o jesuíta flamengo Ferdinand Verbiest (1623-1688), o jesuíta alemão Ignaz ou Ignatius Kögler (1680-1746), ou ainda o jesuíta francês Michel Benoist, falecido em Pequim (1715-1774), os quais, segundo refere Zheng Tianting (2003: 363-366, 661),

---

<sup>1</sup> Texto publicado em 2014 da comunicação apresentada em abril de 2013.

realizaram trabalhos significativos nas áreas das ciências, artes e humanidades. Contudo, esse desejo de Gonçalves não se chegou a concretizar. Conforme refere Zheng Tianting (2003: 365), a partir de 16 de abril do quinquagésimo sexto ano do período do Imperador Kangxi (ano de 1717), o governo da dinastia Qing lançou certas políticas para a proibição da evangelização em todo o território chinês. Durante mais de uma centena de anos, desde os tempos do Imperador Kangxi (período de reinado, 1662-1722), até aos do Imperador Daoguang (período de reinado, 1820-1850), incluindo o do Imperador Jiaqing (período de reinado, 1796-1820), quando o padre lazarista chegou a Macau, foi proibida a prática do catolicismo, achando-se quase fechado o território à entrada de estrangeiros. Sendo assim, como Van den Brandt (1936: 25) refere ainda, o padre lazarista passou em Macau toda a sua vida de missionário, trabalhando como professor no Seminário de S. José, e morreu em Macau a 3 de outubro de 1841. Aresta (2000: 1) escreve que o P.º Joaquim Afonso Gonçalves foi “uma figura de capital importância no contexto das relações culturais entre Portugal, Macau e a China no século XIX”.

O Seminário de São José, onde o P.º Joaquim Gonçalves trabalhou, em Macau, foi fundado em 1727 pela Companhia de Jesus. Esta instituição, juntamente com o Colégio de São Paulo, constituíam os principais centros de preparação de missionários católicos para o Extremo Oriente. Van den Brandt (1936: 25) menciona que o Padre Joaquim Gonçalves chegou a Macau em 1813. Como não tinha conseguido continuar a sua viagem para Pequim, instalou-se no seminário. Segundo refere Manuel Teixeira (1982: 214), já naquela altura o seminário era designado também como Real Colégio de S. José, e dirigido por lazaristas. Ljungstedt (1836: 39) refere que, sob a administração dos lazaristas, o colégio dá instrução de gramática portuguesa e latina, aritmética, retórica, filosofia e teologia. Entretanto, a língua chinesa formava também parte do ensino do seminário, e o inglês e o francês eram lecionados pontualmente.

Inocência da Silva (1860: 57) refere que, “além dos conhecimentos que possuía na Theologia e Mathematica, e na arte da Musica, foi tido por habil mestre, não só das linguas europeas, mas do intrincado e difficilimo idioma chinez”. Na verdade, fazia-se-lhe necessário conhecer a língua local de Macau, isto é, o chinês, já que era o

instrumento que lhe permitiria comunicar com os chineses. Uchida (2011: 232) refere que, no início do século XIX, a maioria dos missionários que foram para Macau estudavam o cantonês, o qual era falado regionalmente pelo povo chinês em toda a província de Cantão; tal era o caso de Robert Morrison (1782-1834) e Samuel Wells Williams (1812-1884). Contudo, Uchida menciona que o chinês do P.<sup>o</sup> Joaquim Gonçalves tinha por base o mandarim, ou, em chinês, *beijing guanhua* (北京官話, *běijīng guānhuà*, literalmente, 'língua oficial de Beijing'). Entretanto, Liu Xianbing (1994: 38) refere que um dos alunos do P.<sup>o</sup> Joaquim Gonçalves tinha escrito uma carta na qual falava sobre o surpreendente nível de competência linguística da língua chinesa do seu professor. Por outro lado, Joseph Levi (2007: 223) indica que o padre lazarista escolheu ensinar o mandarim por este ser o “dialecto” que unifica a China inteira, e o mais fácil, se comparado com as variantes regionais de Cantão e Fukien.

Liu Xianbing (1994: 38-40) refere que o Padre Gonçalves viveu em Macau durante 28 anos, dedicando-se continuamente ao trabalho de ensino e estudo da sinologia. Acrescenta Liu Xianbing que na carreira de Gonçalves como professor, deu aulas de língua inglesa, língua chinesa e música. E como notável sinólogo, criou várias obras inovadoras, nomeadamente de carácter didático, como compêndios, material suplementar e ferramentas para facilitar o ensino-aprendizagem da língua chinesa. Liu Xianbing ainda indica que os materiais e experiências de Gonçalves desenvolvidos ao longo do ensino da língua chinesa como língua estrangeira têm influenciado certamente na exploração de métodos educativos desta área, tanto em Macau como na Europa e também no resto do mundo. As principais obras do Padre Joaquim Gonçalves são:

- (1) *Grammatica Latina* (1829)
- (2) *Arte China* (1829)
- (3) *Dictionario Portuguez-China* (1831)
- (4) *Dictionario China-Portuguez* (1833)
- (5) *Vocabularium Latino-Sinicum* (1836)
- (6) *Lexicon manuale Latino-Sinicum* (1839)

(7) *Lexicon magnum Latino-Sinicum* (1841)

A segunda obra da lista será apresentada no próximo capítulo com mais detalhe. Assim, com base nestas obras, podemos considerar que Gonçalves possuía ricas experiências e conhecimentos sobre a língua chinesa e a portuguesa, como também acerca do latim. Por outro lado, essas obras constituem também prova da sua contínua determinação e dedicação ao trabalho como professor da língua chinesa. Como disse Aresta (2000: 5), os seus métodos pedagógicos contribuíram não apenas para o desenvolvimento do ensino da língua chinesa, mas também para a formação de alunos bilingues. Quanto a isto, Manuel Teixeira (1982: 211-214) acrescenta que o padre lazarista tinha formado numerosos profissionais bilingues, que contribuíram para o trabalho de tradução e interpretação na região. Por outro lado, Teixeira indica também que é importante considerar o esforço de Gonçalves na preparação de missionários sinólogos em Macau, referindo os 84 alunos que participaram na composição e edição de dicionários de Joaquim Gonçalves, cuja informação foi achada numa lista anexa ao *Diccionario China-Portuguez*. Por conseguinte, Joaquim Gonçalves tornou-se numa figura importante no âmbito do ensino-aprendizagem em português-chinês e chinês-português.

**2. *Arte China* 《漢字文法》**

No ano de 1829, foi publicada em Macau uma obra que viria a ter grande influência no estudo da língua chinesa por parte de aprendentes ocidentais. A obra *Arte China, Constante de Alfabeto e Gramática, Compreendendo Modelos das Diferentes Composições*, ou simplesmente, como passaremos a nomeá-la daqui em diante, *Arte China*, ou *Arte*. Levi (2007: 220) refere que é uma gramática chinesa que dispõe de caracteres chineses e uma série de exercícios e guias para as composições e textos, apto para servir aos estudantes jovens como material no ensino-aprendizagem do chinês, sendo, nesse caso, para estudantes missionários e padres europeus falantes de língua portuguesa. Esta obra gramatical, *Arte China*, demonstra o profundo

conhecimento de Joaquim Gonçalves sobre o ensino do chinês. É uma gramática bilingue, que apresenta na maioria dos capítulos uma parte chinesa do lado direito e uma parte portuguesa do lado esquerdo. Levi (2007: 219-227) faz a apresentação dos capítulos e principais conteúdos da *Arte China*. Muito bem organizada, composta por um prólogo, oito capítulos, um apêndice e um índice. Os capítulos são os seguintes:

Capítulo I: *Alphabeto China*, sendo este uma apresentação da parte fonética da língua chinesa;

Capítulo II: *Frases Vulgares e Sublimes*, no qual apresenta uma série de frases ou orações escritas em estilo literário e frases ou orações escritas no estilo coloquial.

Capítulo III: segundo Levi (2007: 224), esta parte trata da gramática, ou das regras gramaticais tanto no estilo vulgar como no estilo sublime; na verdade, este autor não apresenta o título do capítulo, que em muitos exemplares surge apagado (pelo desaparecimento da tinta), mas cujo conteúdo se acha registado no índice; trata-se efectivamente do capítulo a que Gonçalves chamou *Grammatica*, e que inclui, conforme o autor refere no *Prologo* a este capítulo, as *Partes da Oração*.

Capítulo IV: *Syntaxe*, totalmente dedicada à sintaxe chinesa, tanto no estilo vulgar como no estilo sublime, conforme refere Levi (2007: 225).

Capítulo V: *Dialogos*, desenvolvendo 46 temas e contextos específicos, pequenas cenas da vida quotidiana das pessoas na sociedade chinesa da época. Na verdade, são temas comuns ligados ao nosso dia-a-dia, à vida estudantil, ao trabalho quotidiano, etc. Levi ainda menciona que esta parte era interessante especialmente para os estudantes que iriam ser missionários na China, já que podiam aproveitar esses conteúdos para usar no contacto do dia-a-dia com os chineses. É nesta parte da obra *Arte China*, nos diálogos, que se centrará o meu estudo, que será desenvolvido mais adiante, no terceiro capítulo.

Capítulo VI: *Proverbios*, apresentando uma coleção de provérbios chineses, correspondendo cada um a uma frase em português; todavia, apenas algumas destas frases são provérbios da língua portuguesa, sendo as demais apenas explicações.

Capítulo VII: *Historia, e Fabula*, com o subtítulo “a que frequentemente se allude no discurso”. Consoante refere Levi, é um estudo relativamente longo sobre as

principais figuras e personagens da História da China, incluindo histórias e lendas chinesas.

Capítulo VIII: *Composições Chinas*, uma componente para a introdução ao treino da produção escrita, como indica Joseph Levi.

Gonçalves (1829: i) escreve no *Prologo da Arte China* que um estudante pode aprender a ler, traduzir e compor textos através desta gramática, podendo ainda servir como ferramenta de estudo o *Diccionario China-Portuguez* e o *Diccionario Portuguez-China* para conhecer a pronúncia e o emprego correto dos caracteres chineses.

Graças ao Padre Joaquim Afonso Gonçalves, o trabalho de ensino-aprendizagem e formação de alunos bilingues em Macau teve início e desenvolvimento até hoje. Claro que esperamos que estas obras didáticas e métodos pedagógicos sejam aproveitados pelas instituições para continuar a formar profissionais bilingues para o trabalho de tradução e interpretação chinês-português e português-chinês, que ainda é necessário na Região Administrativa Especial de Macau, em particular, mas também na China em geral, nas relações diplomáticas e comerciais com os países de língua oficial portuguesa.

### **3. Um manuscrito de Joaquim Afonso Gonçalves**

É preciso referir neste trabalho a segunda obra que utilizei como objeto de estudo: “o manuscrito 7975 da Biblioteca Nacional de Portugal, conhecido como *Frases e diálogos de Gonçalves*”, conforme refere Barros na Introdução de *Gramática e Diálogos em Português e Chinês: um manuscrito inédito do P.º Joaquim Afonso Gonçalves* (Barros e Ng, 2014: 11):

Trata-se de um caderno chinês de capa rígida em papel colorido, de lombada e cantos vermelhos, cujo último proprietário foi Antonio Luiz de Carvalho, que gentilmente o terá doado à Biblioteca Nacional, como informa uma anotação muito esbatida no fólio inicial, [1], anteriormente em branco: "Doado á Bibliotheca pelo Snr. Antonio Luiz de Carvalho Governador

do Bispado de Macau - em 1870".

Segundo Barros, este é um caderno passado a limpo, com algumas rasuras por erro de cópia em alguns passos, o que não prejudica a sua legibilidade (Barros e Ng, 2014: 13):

O códice foi preenchido com pelo menos três tintas diferentes: a da coluna da esquerda, em português, ferrogálica e repassando para o lado oposto do papel, a da coluna da direita, tinta-da-china para o registo dos caracteres chineses (os primeiros a serem copiados) e a da foliação, mais clara; a romanização e, sob ela, pontualmente, os significados de alguns dos caracteres, em português e latim, foram acrescentados numa fase final, em pelo menos duas tintas diferentes, com as quais se fez aqui e ali alguma emenda na coluna em português, nesse momento de releitura.

A autora da introdução e da edição crítica (na qual fui responsável pela transcrição e fixação dos caracteres chineses e por alguns esclarecimentos relativos aos mesmos) indica também que o manuscrito apresenta numerosas partes e passagens também publicadas no manual e gramática chinesa, *Arte China*, contudo, elas não coincidem completamente, apresentando muitas vezes variação de enorme interesse linguístico, histórico e cultural, toda ela devidamente anotada e comentada no aparato crítico (Barros e Ng, 2014: 14).

Tendo realizado a transcrição dos caracteres chineses de todo este manuscrito, a convite de Anabela Barros, que me deu a conhecer o códice para que, ao trabalhar nele, pudesse igualmente desenvolver em seguida a minha dissertação de mestrado no âmbito da variação observável nas frases em chinês (a qual não foi objecto de estudo sistemático na edição crítica, que se centra na variação em português), e havendo-me ocupado anteriormente, em 2013, da transcrição de uma parte do capítulo II da obra impressa *Arte China*, no âmbito do projeto *Tesouro Lexicográfico e Gramaticográfico do Oriente: Contributos do português para a descrição do chinês e de outras línguas asiáticas (sécs. XVI-XIX)*, de que são investigadores responsáveis Anabela Barros e



Carlos Assunção, tive ocasião de observar certas diferenças e semelhanças no conteúdo das duas obras. As diferenças encontradas são a nível do léxico, estruturas morfossintáticas e sintáticas, romanização, grafia dos caracteres chineses, etc. Por outro lado, observei também que existem alternativas de frases, expressões e palavras tanto na *Arte China* como no manuscrito. Assim, decidi estudar algumas destas diferenças no capítulo III deste trabalho.

## Capítulo II

### 1. A variação linguística

Antes de mais, temos que afirmar que o estudo da variação linguística, de acordo com o que referem Reppen, Fitzmaurice e Biber (2002: VII), pertence à vertente da linguística que estuda o uso da língua, a qual difere do estudo da estrutura da língua. Os estudos tradicionais estavam centrados na estrutura, como a linguística saussureana. Saussure (1992: 34) defendeu que a língua é um produto social da faculdade da linguagem, um conjunto de convenções adoptado pelos indivíduos falantes para permitir o convívio social.

Saussure (1992: 42) refere que “ao passo que a linguagem é heterogénea, a língua assim delimitada é de natureza homogénea”. No caso da sociolinguística, que estuda a língua a partir do seu contexto social, a língua possui heterogeneidade, como indicam Weinreich, Labov e Herzog (1968: 101). Bagno (2007) ainda refere que a língua não é homogénea nem estável; tendo em conta a sociedade em que é falada, a língua sofre mudança durante as situações de interação social. Segundo Labov (1972, *apud* Hora, 2004: 16), todo o sistema linguístico possui a propriedade inerente de ser heterogéneo (logo, de variar), não sendo aleatório. Reppen, Fitzmaurice e Biber (2002: vii) mencionam também que a variabilidade é inerente à língua humana. Acrescentam ainda que é comum vermos uma língua a não ser usada completamente de maneira homogénea dentro de uma determinada comunidade, como também confirma Trask (2007: 315).

Para Labov (1991: 188-189), é comum a existência de várias alternativas para expressar uma “mesma” coisa: algumas palavras que parecem ter um mesmo referente<sup>2</sup>, outras com duas pronúncias e alternativas sintáticas. Mais tarde, Biber (1995: 1) refere que um falante individual pode utilizar diferentes formas linguísticas

---

<sup>2</sup> Segundo Lyons (1977, *apud* Xavier M. e Mateus M., 1992: 326), o referente é uma “entidade do mundo (real ou não) para a qual remete uma expressão linguística. Por exemplo, o referente de «estante» em «a estante da Maria é de madeira» é um determinado objecto «estante», na relação que entre os dois se estabelece.”

para falar em diferentes situações comunicativas, podendo também diferentes falantes de uma mesma língua reproduzir uma mesma ideia através do uso de diferentes formas linguísticas; portanto, a variação acompanha intimamente a concretização da língua humana. Daí que o termo *variação*, como é explicado por Trask (2007: 315-316), refira a existência de diferenças perceptíveis na maneira de utilizar uma língua numa comunidade discursiva (grupo de falantes). Nas palavras de Tarallo (2005: 63), “nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação!”. Devido à propriedade heterogênea das línguas, é comum encontrarmos variações em qualquer língua.

Sausurre (1992: 217-218) disse que os falantes de uma língua, ao produzirem frases, estão a formar psiquicamente um eixo de sintagmas<sup>3</sup>, e simultaneamente fazem intervir os grupos associativos<sup>4</sup> para fixar a escolha. Por outro lado, Pontes (2014: 97) indica que a variação não é mais do que “escolhas linguísticas diversas que não afectam o processo de comunicação”. Assim como foi dito em Company Company (2003, *apud* Pontes, 2014: 97), geralmente, a possibilidade de seleção de formas linguísticas acontece “a) entre dois grupos de falantes; b) em um mesmo falante, com a possibilidade de escolher entre duas estruturas; c) na escolha de uma estrutura em uma determinada situação social comunicativa e por outra estrutura em outra situação comunicativa.”

## 2. Tipos de variação

A língua possui uma função comunicativa, social, flexível e diversificada, sendo usada por indivíduos que vivem em sociedades igualmente diversificadas social, cultural e geograficamente, conforme indicam Cunha e Cintra (2000: 3). Acrescentam

---

<sup>3</sup> Sintagmas referem-se as unidades mínimas das frases compostas de duas palavras contrastantes entre si. A formação de uma frase pode ser entendida como, em primeiro lugar, a formação de um eixo de relações sintáticas entre termos, segundo explica Vigna (2013).

<sup>4</sup> Denominadas também como relações associativas ou paradigmáticas, as combinações entre palavras com aspetos em comum. A formação de uma frase, simultaneamente à formação de um eixo de sintagmas, pode ser entendida como a formação de um eixo de paradigmas, ou seja, uma escolha de palavras entre opções semelhantes retidas na memória de cada indivíduo a partir de associações mentais, segundo explica Vigna (2013).

ainda estes autores que uma língua histórica<sup>5</sup> não é um sistema linguístico unitário, mas pode ser entendida como um diassistema, isto é, um conjunto de sistemas linguísticos, onde diversos sistemas e subsistemas se inter-relacionam. Entretanto, Gil (2003) refere que um diassistema é um conjunto de subsistemas ou línguas funcionais<sup>6</sup> interligadas. Segundo Cunha e Cintra indicam, em princípio, existem três tipos de diferenças internas apresentadas numa língua:

- a) diferenças no espaço geográfico, ou variação diatópica (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais);
- b) diferenças entre as camadas socioculturais, ou variação diastrática (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.);
- c) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou variação diafásica (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.).

Por outro lado, Dubois (2007: 609) define o termo *variação* como “o fenómeno no qual, na prática corrente, uma língua determinada não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, em outro lugar e em outro grupo social”. Sendo assim, a variação pode ainda ser diacrónica, e, em cada corte sincrónico na diacronia, incluir ainda toda a variação geográfica e sociolinguística.

Quando falamos sobre variação diatópica ou geográfica, referimo-nos normalmente às variantes geográficas, aquelas que vemos plasmadas mais comumente nos dialectos. Preti (2003: 24) defende que este tipo de variedade ocorre num plano horizontal da língua. Assim como refere Mateus (2005: 5), a língua varia no espaço, abrangendo os aspetos geográficos, tanto a nível nacional (dialetos) como

---

<sup>5</sup> Segundo Bechara (2003: 37) comenta, a língua histórica é aquela considerada como “produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico”.

<sup>6</sup> Segundo Bechara (2003, *apud* Silveira, 2008: 132-134), a língua funcional é uma língua idealizada, devido à impossibilidade de uma língua ser homogénea e unitária, isto é, ser um só dialeto (sintópica), num só nível (sinstrática) e num só estilo (sinfásica). Contudo, é preciso ter-se em conta este conceito, em conjunto com a língua histórica (considerada como um diassistema), para se conseguir uma perfeita descrição estrutural da língua.

internacional (variedades nacionais).

Segundo Saussure (1992: 296), a linguística diacrónica consiste no estudo da modificação dos termos e evolução do sistema linguístico. Portanto, a variação diacrónica ou histórica é aquela que tem a ver com a mudança da língua ao longo do tempo, sendo o objeto de estudo da gramática histórica e da história da língua.

A sociolinguística, conforme refere Pontes (2014: 96), ocupa-se do estudo dos fenómenos de variação e mudanças da língua, de carácter social, através de fatores linguísticos e extralinguísticos. Quando falamos da sociolinguística não podemos deixar de referir William Labov, já que foi este linguista americano que levou esta área de estudos a uma dimensão mais avançada e revolucionária. Segundo Trask (2007: 265), Labov fez uma série de estudos sobre a variação na língua inglesa, e com o seu trabalho não apenas levou a descobrir a maneira como os falantes fazem uso de uma linguagem, tendo em conta vários aspetos sociais, culturais e geográficos, mas também desenvolveu um método quantitativo apropriado para esta área de estudos. Quando consideramos aspetos de cunho social, como sexo, classe, idade, etnia, etc., para o nosso estudo da variação, estamos a referir-nos sobretudo à variação sociocultural. Mateus (2005: 10) chama a este tipo de variação decorrente dos diferentes grupos sociais como socioletos.

A variação sociocultural ocorre num plano vertical, ou seja, “dentro da linguagem de uma comunidade específica (urbana ou rural)”, conforme escreve Preti (2003: 25). Refere ainda que este tipo de variação pode ser influenciada por fatores concernentes ao falante (ou ao grupo a que pertence), à situação, ou a ambos. Para analisar variedades como a linguagem culta ou padrão, a linguagem popular o subpadrão, a linguagem comum, o dialeto culto, o dialeto popular, o dialeto social culto, ou o dialeto social popular, é preciso ter em conta os fatores relativos ao falante, os quais podem ser classificados de acordo com a idade, sexo, raça, profissão, posição social, grau de escolaridade e local de residência.

Quanto às variedades situacionais, segundo refere Preti, incluem os chamados *registos linguísticos*. Segundo Mateus (2005: 10), este tipo de variação difere dos socioletos, já que resulta das circunstâncias em que acontece a fala, enquanto o outro

tem a ver com os grupos sociais. Biber (1995) trabalhou com as dimensões deste tipo de variação. Ele acredita que a variação é um fenómeno altamente sistemático. Os falantes fazem escolhas no âmbito da pronúncia, dos elementos morfológicos, das palavras e da gramática, de acordo com fatores fora do âmbito linguístico. Estes fatores estão relacionados com o contexto de uma determinada situação discursiva, incluindo o objetivo de cada falante na comunicação, a relação existente entre falantes e ouvintes, a circunstância em que se produz a comunicação, entre outros.

Outro tipo de variação importante para nós é o que se relaciona com os diferentes estilos de linguagem na comunicação, como a prosa, poesia, etc. Cunha e Cintra (2000: 1) referem que o estilo de uma língua é a escolha que cada indivíduo faz, com o objetivo de exprimir do melhor modo o pensamento e as preferências próprias, tirando proveito das diversas possibilidades de expressão que oferece o sistema de língua. Aliás, Marouzeau (1969, *apud* Martins, 2008: 19) já tinha afirmado que o estilo se referia ao aspeto e qualidade que apresenta o resultado da escolha entre os elementos constitutivos de uma língua.

### **3. Níveis de variação linguística**

Os tipos de variação acima referidos podem distinguir-se, por sua vez, de acordo com o elemento em que acontece o fenómeno. Conforme indica Wolfram (2006: 333-340), “a variação está presente em todas as partes da língua.”<sup>7</sup> Tal como referem Cunha e Cintra (2000: 2), a variação ocorre em todos os níveis da língua: fonético, fonológico, morfológico, sintático, etc., mais uma vez, porque a variação é inerente ao sistema da língua. Por outro lado, Beline (2003: 125) comenta também que a variação pode ser estudada através dos diferentes níveis linguísticos, isto é:

- a) Nível fonológico: quando a variação figura no elemento fonológico ou nos fonemas;
- b) Nível morfológico: quando a variação figura nas unidades morfológicas;

---

<sup>7</sup> Tradução da autora.

- c) Nível lexical: quando a variação figura nas unidades lexicais ou nas palavras;
- d) Nível sintático: quando a variação figura nas unidades sintáticas ou formas frásticas.

#### **4. A variação linguística no português**

A língua portuguesa, como todos sabemos, é uma das línguas de origem latina, como também o são o espanhol, o italiano, o romeno ou o francês. Desde o surgimento do primeiro documento escrito, no século XII, até aos nossos dias, o português tem passado por várias fases de evolução. Sendo este um idioma vivo, tal como as outras línguas vivas, de acordo com Cunha e Cintra (2000: 9), “apresenta-se internamente diferenciado em variedades de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário”. Isto não apenas pela sua utilização contínua e *descontínua* durante séculos, mas também pela sua ampla utilização em diferentes territórios espalhados por todos os continentes do mundo, sendo língua oficial em países como Angola, o Brasil, Cabo-Verde, a Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, na Região Administrativa Especial de Macau - China, e ainda língua nacional em Portugal e no Brasil. A diversidade cultural existente nesta língua deve-se a factos históricos, sobretudo a partir da era dos Descobrimentos, momento de grande contactos com outras civilizações e culturas, levando a língua portuguesa a absorver elementos novos e exóticos e a enriquecer o seu conteúdo lexical, morfológico, sintático e fonológico. Segundo Mateus (2005), a história da língua portuguesa pode resumir-se a quatro fases:

O português antigo (período em que a língua portuguesa tem a sua primeira manifestação escrita, no século XII, e até ao século XIV)

O português médio (século XV)

O português clássico (do século XV até meados do século XVIII)

O português moderno (a partir do século XVIII)

Contudo, segundo Cunha e Cintra (2000: 9), apesar da variação existente na

língua portuguesa, a unidade do idioma é ainda superior.

A língua portuguesa apresenta mudanças no espaço. Eis aqui as variedades nacionais, sobretudo resultantes do contacto entre diferentes culturas e civilizações, como é o caso das variedades nacionais de Portugal e do Brasil, conforme se menciona em Mateus (2005: 5). A variação existente entre estas variedades nacionais, pou normas, pode ser considerada no âmbito da mais ampla variação geográfica da língua portuguesa. Contudo, Cunha e Cintra (2000: 10) acrescentam que é importante reconhecer que a língua portuguesa, apesar de geograficamente se ter expandido da Europa para outros continentes, por pontos muito afastados no espaço, ainda conseguiu manter até aos nossos dias uma apreciável coesão nas suas variedades.

## **5. O português na Ásia**

Um outro aspeto interessante a referir neste capítulo é a situação da língua portuguesa no continente asiático, já que as obras referidas no presente trabalho foram elaboradas nesse espaço, em Macau, e escritas em língua portuguesa lado a lado com a língua portuguesa.

Aqui podemos referir a duas variedades do português, a variedade crioula e a variedade não-crioula, como referem Cunha e Cintra (2000: 23). Castro (1991: 21) denomina as variedades crioulas como *crioulo*, já que a sua base foi o português europeu, mas acabou por revelar-se profundamente afastado deste ao longo da sua evolução. Curiosamente, como comentam Cunha e Cintra, estas variedades crioulas teriam sido desenvolvidas ao longo dos primeiros anos da expansão portuguesa, especialmente durante o período em que as trocas comerciais dos portugueses eram realizadas com os povos dessas terras. Estas abrangiam a China, o Japão, a Malásia, a Tailândia (antigamente chamada Sião), a Índia, a Pérsia (hoje Irão), a Arábia, e algumas terras das costas ocidental e oriental africana. Outro contacto muito importante dos portugueses com estes povos era através da missionação, especialmente para o presente trabalho, já que estas duas obras podem ser considerados como frutos da riqueza do contacto de portugueses com a cultura e



civilização chinesa. As variedades crioulas foram derivadas do processo de contacto entre várias línguas asiáticas ou africanas com a língua portuguesa. Como Cunha e Cintra (2000: 23) referem, hoje em dia os crioulos portugueses são considerados, não como dialectos, mas como línguas derivadas da língua portuguesa. Estas línguas crioulas apresentam uma forte componente sobretudo de elementos lexicais, mas também alguns fonológicos e morfossintáticos, que sofreram mudança a partir daquele português que foi língua franca, utilizada para realizar trocas comerciais por volta dos séculos XV-XVI. Assim, os crioulos foram “disseminados numa vasta área”, como aponta Theban (1983: 269).

Entre os mais conhecidos crioulos, tanto ativos como já extintos ou em vias de extinção, não podemos esquecer os das antigas regiões coloniais do Império Português, como o de Diu e o de Korlai, na Índia, o de Ceilão, o de Macau, o de Malaca. Por outro lado, subsiste também o próprio português de Goa, Damão e Diu, ainda em uso por determinados grupos comunitários ou famílias de ascendência portuguesa, e mais ou menos crioualizado em certos locais. Segundo referia Ivo Castro há mais de duas décadas (1991: 59), muitos crioulos na Índia estavam já em vias de extinção ou quase completamente extintos. Entre os crioulos indo-portugueses ativos conta-se essencialmente o *kristi* ou *kristang*, em Korlai. No Ceilão, hoje Sri-Lanka, usa-se também um crioulo com estatuto de língua materna, no seio de famílias que ainda conservam os seus apelidos de origem portuguesa. Em Timor-Leste, o único crioulo português, de Bidau, encontrava-se em vias de extinção já em 1983, altura em que, segundo refere, ainda era usado em rituais, no culto cristão e na liturgia, conforme refere Thomaz (1983: 313-338). Na Malásia, no bairro português de Malaca, fala-se o *kristang*, segundo informa Batalha (1983: 287-303). Em Malaca, o *kristang* é usado ainda como a primeira língua da comunidade de ascendência portuguesa, de acordo com a síntese de Baxter (1990: 161; 184). Por último, o crioulo de Macau, conhecido como *lingu maquista* ou *patois* de Macau (patuá de Macau), extinguiu-se no final do século XX, devido ao maior contacto com o português europeu; ainda que tenham restado falantes com conhecimento parcial do mesmo, este já não tem utilização quotidiana ou uso amplo. Maria Isabel Tomás (1992: 183) indicava há duas

décadas que este crioulo ainda era falado por uma comunidade macaense que residia em Hong Kong, e Jean-Michel Charpentier (1992: 81-95) descrevia a sua situação, no mesmo ano, como estando, mesmo em Hong-Kong, já em vias de extinção, falado por indivíduos isolados, idosos e que há muito tinham deixado de fazer uso dessa língua, suplantada pelo cantonês e pelo inglês. O *Atlas Interativo das Línguas em Perigo no Mundo*, publicado pela UNESCO, indica, todavia, que em 2000 existiam 50 falantes do crioulo de Macau; não serão, contudo, muito provavelmente, falantes que utilizem diariamente o crioulo em qualquer situação de comunicação<sup>8</sup>.

Cunha e Cintra (2000: 24) ainda referem variedades de português baseadas na norma de Portugal, com certos elementos fonológicos e gramaticais de aspetos próprios da região, mas pertencentes ao grupo não-crioulo da língua portuguesa. Estas variedades do português na Ásia (faladas em Macau, Timor-Leste, Goa, Damão e Diu) são aquelas que resultaram do processo de descrioulização acontecido por volta do início do século XX, um momento em que o português foi imposto sobre os crioulos destas regiões, conforme comenta Ivo Castro (1991: 22).

Ao longo deste capítulo foram apresentados brevemente os principais tipos de variação, desde aqueles resultantes de mudanças dos aspectos históricos, geográficos, socioculturais, situacionais e diafásicos, até aos classificados de acordo com o nível gramatical em que ocorre a variação. Contudo, no presente trabalho, o objetivo não será o de estudar cada um destes tipos de variação, mas sim o de tratar de alguma da variação surgida na obra *Arte China* e num manuscrito elaborado do P.<sup>e</sup> Joaquim Gonçalves. Para o estudo de certa variação presente nessas obras didáticas, precisarei de alguns conceitos de linguística variacional para apoiar a minha argumentação.

---

<sup>8</sup> <http://www.unesco.org/culture/languages-atlas/en/atlasmap/language-id-2409.html> (consultado a 21 de janeiro de 2014).



## Capítulo III

Apresentaremos neste capítulo exemplos dos principais tipos de variação encontrados no manuscrito e na *Arte China*, aprofundando os aspetos socioculturais e linguísticos relativos às variantes já previamente identificadas na Edição Crítica do manuscrito (Barros e Ng, 2014).

### 1. Frases com variação a nível lexical

Na obra didática impressa do P.<sup>o</sup> Joaquim Gonçalves, *Arte China*, surgem vários casos em que se dispõe de alternativas de léxico numa mesma frase. Contudo, o curioso é o facto de haver também alternativas de formulações de frases e orações com ideias semelhantes dentro da mesma obra e no manuscrito do mesmo autor, sobretudo quando se comparam entre as obras. Portanto, para o presente capítulo, fizemos uma escolha de frases provenientes destas duas obras, o manuscrito e a *Arte China*. Estas frases seleccionadas são citadas a partir da edição crítica do manuscrito (Barros e Ng, 2014), no qual já surge registada toda a variação entre o texto em português que é comum às duas obras, ou seja, simultaneamente presente no manuscrito e na obra impressa. Será incluída uma tabela com o registo de todas as frases utilizadas para o presente análise, anexada no fim deste trabalho.

Nos próximos parágrafos desta passagem, vamos olhar para vários conjuntos de frases, geralmente compostos por uma frase do manuscrito e uma frase da *Arte China*, com conteúdo semântico semelhante ou aproximado, ambas com a sua frase correspondente em chinês apresentada à direita. Será possível encontrar alguma variação entre essas frases, sendo a partir dela que vamos fazer o nosso estudo ao longo desta parte do trabalho. Porém, neste trabalho não será estudada toda a variação que vamos encontrar, tendo-me limitado a tratar dos casos relacionados com aspetos geográficos, culturais, interculturais e históricos, variando sobretudo a nível lexical e morfossintático. Serão explicadas em português algumas designações ou palavras da

língua chinesa, com os caracteres do mesmo apresentados no sistema de escrita do chinês tradicional, a sua pronúncia em mandarim e o significado literal. A variação pode acontecer lexicalmente tanto sobre substantivos como adjetivos, verbos, advérbios ou qualquer outra categoria gramatical que estrutura uma frase. Para iniciar este capítulo, vamos analisar alguns casos de variação em frases no tocante a adjetivos.

1.1	há 5. ou 6. catres, huns <u>acharoados</u> , outros de bambú, outros de rota, q' tem esteiras, e traveceiros.	床有 <u>上漆的</u> 有竹的有籐的五六張 <u>上頭</u> 毯子枕頭全有 [92v]	Manuscrito
1.2	ha cinco, ou seis catres, huns <u>envernizados</u> , outros de bambú, e outros de rota, que tem esteiras, e travesseiros.	床有 <u>上漆的</u> 有竹的有籐的五六張毯子枕頭全有 [257]	<i>Arte China</i>

Este conjunto de frases foi comentado na Edição Crítica de Barros e Ng (2014: 293), indicando que o conteúdo da frase na *Arte China* difere do manuscrito nos adjetivos utilizados para descrever os catres, *acharoados* no manuscrito, e *envernizados* na obra impressa. O chinês apenas apresenta mais um elemento no manuscrito, *shangtou* (上頭, shàngtōu, literalmente, 'em cima, acima'), para indicar que as coisas estão colocadas mesmo em cima da cama. Esta variação dá-se pela escolha de uma palavra alternativa por parte do autor, já que através de Gonçalves (1831: 14, 305) podemos considerar que *acharoadado* e *envernizado* são adjetivos sinónimos, isto é, pintado ou coberto de verniz, correspondendo a uma mesma expressão em chinês, *shangqide* (上漆的, shàng qī de, traduzível literalmente por 'pintado de charão ou verniz'). No manuscrito, o autor utiliza o adjetivo *acharoadado*, especificando a utilização do charão, chamado também *verniz China* em Gonçalves (1831: 850). Entretanto, Bluteau (1712: 277) refere ainda *charaõ* ou *charam* como verniz da China e do Japão, feito com laca de árvores China. O substantivo *charão* é

uma palavra derivada do chinês *chat-liáu*, segundo se indica no *Dicionário da Língua Portuguesa*, *chat liao* no *Dicionário de Português Michaëlis*, e *tsi, tchi* ou *ci + liáu* no *Dicionário Morfológico da Língua Portuguesa*, o qual, segundo a romanização, provavelmente corresponderá à designação *qiliao* (漆料, qī liào, literalmente, 'tinta ou óleo de chat / tinta de laca chinesa'), tendo em conta que 漆料, na variante da região de Cantão, se pronuncia como *cat1liu6*<sup>9</sup>. Portanto, podemos considerar que o substantivo foi adaptado durante o contacto dos portugueses com os chineses que falavam o cantonês, provavelmente na região de Macau. Sun Ji (2004: 1) conta que o *qiliao* ou *chat liao* é um óleo usado para pintar sobre objetos de madeira ou cerâmica, tornando a superfície destes resistente ao calor, à fricção, à corrosão do solo, à acidificação, à alcalinização e ao derramamento, sendo composto principalmente por laca, uma substância altamente viscosa, extraída das árvores anacardiáceas ou *qishu* (漆樹, qī shù, literalmente, 'árvore de laca chinesa'). Segundo o grupo arqueológico de Hemudu (1980: 9), foi encontrada nas ruínas de Hemudu, na província de Zhejiang, uma tigela ornamentada com charão que existia há 7000 anos. O charão é considerado atualmente como um óleo típico produzido na China. Uma vez que o elemento chinês está integrado neste conteúdo lexical, significa não apenas a laca da China, mas integra o espírito e inteligência do desenvolvimento da civilização chinesa de mais de 7000 anos, possuindo um elevado valor a nível intercultural. Sendo assim, esta íntima relação entre o substantivo *charão* e a designação chinesa deve ser apresentada ao aluno, em conjunto com o sinónimo deste, *verniz*, já que isto mostrará a elasticidade e a riqueza das línguas, resultante também do contacto entre duas culturas.

2.1	O que mentiu hua' vez, fica <u>desacreditado</u> .	一个人撒了一次谎丢了脸 [33v]	Manuscrito
2.2	O mentir he <u>desairoso</u> ao homem.	凡人撒谎就丢了脸 [217]	<i>Arte China</i>

<sup>9</sup> A pronúncia do carácter está apresentada através do sistema de romanização cantonês *Jyutping*, que corresponde no alfabeto fonético internacional a ['tʃat lju].

A variação acontece, por vezes, também nas frases em chinês. Neste grupo encontramos duas frases aparentemente diferentes, tanto em chinês como em português. Foram comentadas em Barros e Ng (2014: 159), referindo-se que as frases são muito distintas, sendo a frase da *Arte China* estruturada de certo modo indefinido. Se olharmos para o conteúdo semântico das frases em ambas as línguas, encontramos uma ideia mais ou menos similar: *a pessoa que mentiu, mesmo uma vez, perde a sua dignidade diante dos outros* (2.1, frase em chinês) ou *quem diz mentiras, fica envergonhado* (2.2, frase em chinês). Contudo, as frases mostram variação a nível lexical e morfossintático. A nível lexical encontramos dois adjetivos não propriamente alternativos, *desacreditado* e *desairoso*. Estes termos possuem ambos significados negativos, mas enquanto *desairoso/a* é aqui a situação da pessoa que perde a face ou aquela imagem positiva ou ostentação produzida pela sua reputação, *desacreditado* classifica diretamente a pessoa cuja reputação e confiança se vê prejudicada, segundo se refere em Gonçalves (1831: 233-235). Em chinês trata-se de uma mesma designação, como indica também Gonçalves (1833: 19), sendo *diulian* (丟臉<sup>10</sup>, diūliǎn, 'perder a face') correspondente aos adjetivos. No tocante à variação morfossintática, acontece na frase complexa 2.1, cujo sujeito inclui uma oração subordinada substantiva relativa sem antecedente, *o que mentiu huma vez*, seguido da oração subordinante, *fica desacreditado*, enquanto na outra surge uma frase simples, composta por um sujeito, estruturado através da substantivação do infinitivo do verbo *mentir*, *o mentir*, seguido do verbo de ligação *ser* e do predicativo do sujeito, *desairoso ao homem*. A esta frase, por sua vez, acrescenta-se o complemento circunstancial de modo, *huma vez*, sublinhando a ideia simultaneamente na frase correspondente em chinês, 一个人撒了一次谎 (literalmente, 'uma pessoa que mentiu uma vez'). Na cultura chinesa dá-se muita importância à face, isto é, à reputação de cada pessoa. A ideia expressa nestas frases revela, pois, um dos valores desta civilização.

Na comparação entre a *Arte China* e o manuscrito do P.<sup>o</sup> Joaquim Gonçalves,

---

<sup>10</sup> Gonçalves refere que a designação *diumian* (丢面, diū miàn) significa 'ficar *deshonrado*', o que é igual a *diulian* (丢臉, diūliǎn).

foram encontrados vários exemplos de variação marcados por alternativas entre substantivos. Este grupo de variantes apenas fazem diferença nas frases em português; o chinês, porém, mantém-se na mesma forma. Olhando para estas frases, vemos que a situação de variação lexical na língua portuguesa está apresentada clara e diretamente.

3.1	Espetar na porta <u>linho</u>	門上插芝麻楷耳 [160v]	Manuscrito
3.2	Espetar na porta alguns pés de <u>gergelim</u>	門上插芝麻楷兒 [300]	<i>Arte China</i>

O presente grupo e os seguintes três tratam de questões relacionadas com a cultura chinesa, tendo a ver com tradições populares, superstições e religião. Quanto a este conjunto de frases, encontramos um caso de variação entre os termos *gergelim* e *linho*, como se refere também em Barros e Ng (2014: 405). Segundo Bluteau (1713: 62), *gergelim* representa 'uma semente branca ou preta, da qual normalmente se extrai óleo comestível', em chinês, *zhima* (芝麻, zhīma, traduzido literalmente como 'gergelim, sésamo'). No manuscrito, o autor, no entanto, empregou o termo *linho*, o qual Bluteau (1716: 148) explica ser 'uma planta com folhas triangulares, cuja casca tem muitos fios, com que se faz pano de linho', sendo em chinês, conforme indica Gonçalves (1831: 488), *huma* (胡麻, húmá, literalmente 'linho'). O conteúdo da frase tem relação com um aspeto que Ding Shiliang e Zhao Fang (1991: 3) escrevem sobre a tradição chinesa de pendurar um pequeno ramo de gergelim na porta da casa ou no beiral do telhado, na véspera do Ano Novo Chinês, para trazer prosperidade e felicidade para o novo ano. Esta tradição corresponde ainda a um provérbio chinês, *jiejiégao* (節節高, jié jié gāo, literalmente, 'elevar cana por cana, pouco a pouco'), que se acha citado em Zhu Jiefan (1989: 3142). Contudo, o autor empregou a mesma designação para as duas plantas nas frases em chinês. Esta forte variação pode ter ocorrido por ambas as designações chinesas possuírem o carácter *ma* (麻, má, literalmente 'linho'). Na frase em português do manuscrito apenas figura o substantivo



*linho*, enquanto na *Arte China* a ideia está mais completa e aproximada ao que se escreve na frase em chinês, sendo o sintagma *alguns pés de gergelim* correspondente a *zhimajie* (芝麻楷 ou 芝麻稽, *zhīma jiē*, traduzido literalmente como 'ramo ou caule de gergelim'), pelo que o autor se preocupou em especificar a planta exata e a quantidade de gergelim (alguns pés / uns ramos).

4.1	O cantar do Corvo, e da Pega, o calor das orelhas, o saltar das <u>pestanas</u> , dizem, q' são maos agouros.	老鴉叫喜鵲叫耳朵熱 眼跳都是不好的先兆 [160v]	Manuscrito
4.2	O cantar do côrvo, e da pêga, o calor das orelhas, e saltar dos <u>olhos</u> , dizem, que são maos agouros.	老鸛叫喜鵲叫耳朵熱 眼跳都是不好的先兆 [299]	<i>Arte China</i>

Eis aqui outro caso de frases com informação sobre tradições populares do povo chinês. Encontramos vários tipos de variação, conforme se indica em Barros e Ng (2014: 404): “com variação morfossintáctica, lexical e semântica no impresso”. Contudo, aqui apenas tratarei dos aspetos de variação a nível lexical com interesse sociocultural, já indicados na tabela acima. A diferença na escolha de palavras figura tanto na frase em português como em chinês. Em primeiro lugar, tratemos do caso da variação na frase em português, a qual figura entre os termos *olhos* e *pestanas*. Este aspeto tem a ver com algumas superstições chinesas, uma delas relacionada com o saltar inconsciente dos olhos, como se explica na frase em chinês através da designação *yantiao* (眼跳, *yǎn tiào*, traduzida literalmente como 'o saltar dos olhos'). Contudo, quando falamos sobre esta superstição, muito popular na vida do povo chinês, normalmente, dizemos que *as pálpebras estão a saltar*, em chinês, conforme registado em *yanpi tiao* (眼皮跳, *yǎnpí tiào*, literalmente 'o saltar das pálpebras') ou regionalmente como *yanmei tiao* (眼眉跳, *yǎnméi tiào*, literalmente 'o saltar das sobrancelhas'). O autor, pelos vistos, preocupou-se também em mostrar alternativa no momento de mencionar esta superstição, que não explica, contudo. Outro caso de

variação acontece na escolha de termos nas frases em chinês, sendo o termo chinês *laoguan* (老鸛, *lǎo guàn*, literalmente 'cegonha velha') alternativa do termo *laoya* (老鴉, *lǎoyā*, literalmente 'corvo velho'). Estes dois nomes de aves surgem registados pelo autor tanto no *Diccionario Portuguez-China* (Gonçalves (1831: 206), na explicação do vocábulo corvo<sup>11</sup>, como no *Diccionario China-Portuguez* (Gonçalves, 1833: 949, 961), separadamente, sendo o carácter *ya* (鴉, *yā*, literalmente 'corvo') e o carácter *guan* (鸛, *guàn*, literalmente 'corvo'). Curiosamente, este último carácter chinês apresenta alguma diferença de significado na atualidade, *guan* representa uma espécie de cegonha, pertencente à família dos Ciconiídeos<sup>12</sup>, o que difere de *corvo*. Esta parte da frase diz respeito a outra superstição, que consiste no azar e mau agouro provocado ou anunciado pelo som (cantar) de algumas aves, sobretudo, neste caso, o do corvo, seja o de cor preta ou branca, como conta Yan Kai (2014: 87-88).

5.1	Hontem houve festa no <u>pagode</u>	昨日在廟裡作會 [159v]	Manuscrito
5.2	Hontem houve festa no <u>templo</u>	昨日在廟裡作會 [299]	<i>Arte China</i>

No presente grupo, a variação acontece no substantivo *pagode*, surgindo uma alternativa, o termo *templo*, na *Arte China*. No caso das frases em chinês, mantém-se a mesma forma. Estes dois termos alternativos em português correspondem apenas, na frase, a um mesmo termo em chinês, *miao* (廟, *miào*, literalmente 'templo'), cujo carácter está registado no dicionário de Gonçalves (1833: 172) e explicado em português como *pagode*. Quando falamos de *miao* trata-se, principalmente, de uma casa ou templo dedicado a um deus, uma pessoa de certa importância, ou para antepassados importantes de uma família, no qual os seus crentes podem fazer rituais, colocar a suas oferendas e apresentar os seus rogos e súplicas. Segundo Bluteau (1720:

<sup>11</sup> O termo *corvo* está registado no dicionário, relacionando-o com a designação em chinês de uma ave chamada *laoguan* (老鸛, 'corvo') e *wuya* (烏鴉, 'corvo de colo branco').

<sup>12</sup> [http://www.infopedia.pt/\\$ciconiideas](http://www.infopedia.pt/$ciconiideas) (consultado a 21 de agosto de 2014).

184), o termo *pagode* é utilizado para designar genericamente os templos de religiões asiáticas, estando a origem do termo relacionada com a Índia. Entretanto, em Gonçalves (1831: 590, 795), os termos *pagode* e *templo* possuem significados sinónimos, este último, porém, também pode referir-se a casas ou salas espaçosas, como um salão. Se fizemos uma pesquisa no manuscrito, descobrimos que, ao longo do texto, o termo *pagode* surge com mais frequência, em comparação com o termo *templo*. Este último foi empregado somente numa frase no manuscrito. No caso da obra impressa, o termo *pagode* é ainda usado em algumas frases:

5a	e tbm condemnou aquelle <del>ve</del> velhaco em 30. taés, p. <sup>a</sup> concerto do <del>templo</del> <Pagode,↑>	也把那个土豪光棍罰了三十兩銀子修廟[125v]	Manuscrito
5b	e tambem condemnou aquelle velhaco em 30 taés para concêrto do <u>templo</u> .	也把那个土豪光棍罰了三十兩銀子脩廟。[277]	<i>Arte China</i>
5c	... eu naõ heide tornar a vizitar aquelle <u>Pagode</u> .	所以我再不拜那人廟 [159v]	Manuscrito
5d	... eu naõ hei de tornar a vizitar aquelle <u>templo</u>	所以我再補拜那个廟。 [299]	<i>Arte China</i>
5e	O ociozo naõ vai ao <u>templo</u> .	無事不登三寶地 [184]	Manuscrito
5f	Batem as palmas no <u>Templo Lum-fu</u> , (ficou com a boca aberta.	隆福寺拍把掌訖廟[326]	<i>Arte China</i>
5g	Talvez, mas no <u>pagode</u> se pintão desta maneira.	保不定到底廟裡頭畫的是這樣 [99]	<i>Arte China</i>
5h	Chu-t'o cuidava do <u>pagode</u> dos maiores (do anno.)	祝鮫治宗廟 [333]	<i>Arte China</i>

Na frase 5a, o termo *templo* foi primeiramente registado no sentido de *miao*, contudo, foi rasurado e substituído pelo termo *pagode*, como se refere em Barros e Ng (2014: 347). Somente na frase 5e, do manuscrito, o termo *templo* é usado no sentido equivalente ao de *pagode*. No caso da *Arte China*, o autor variou na escolha de termos, empregando ambos os termos, como podemos ver na frase 5.2 acima analisada e em outras como 5b, 5d, 5f, 5g, 5h. Sendo a palavra *templo* um hiperónimo, de sentido mais abrangente, pode representar quer as igrejas católicas quer qualquer outra, e ainda 'construções, salas ou salões de carácter sacro, espiritual ou especialmente reverenciadas'. Já *pagode*, enquanto hipónimo, representa especificamente o templo

de religiões diferentes da católica, concretamente as asiáticas.

6.1	prohibilhe o venerar o <u>Deos das riquezas</u>	我禁止他恭敬財神 [145]	Manuscrito
6.2	prohibi-lhe o venerar o <u>genio das riquezas</u>	我禁止他恭敬財神 [290]	Arte China

Neste grupo de frases, a variação figura entre duas designações das frases em português. Trata-se de duas designações alternativas, *Deos da Riqueza* e *genio das riquezas*, procurando expressar em português a ideia da designação em chinês *caishen* (財神, cáishén, traduzido literalmente como 'deus da fortuna'). Segundo Gonçalves (1833: 596, 858), a designação chinesa compõe-se dos caracteres *cai* (財, cái, 'riqueza') e *shen* (神, shén, 'espírito, mistério'), que designam, assim, o espírito responsável pela riqueza. Esta variação foi brevemente comentada em Barros e Ng (2014: 380), onde se refere, a propósito do deus da riqueza, que na cultura chinesa “não se trata da divindade mais importante, contudo, pertence ao âmbito da religião, o que não acontece com *génio*, entidade mágica”. Na tradição popular da China, existem vários deuses que protegem os seus crentes em determinados assuntos da vida. São estes deuses pertencentes ao taoísmo ou *daojiao* (道教, dàojiào), exercendo as suas funções sob a administração do Imperador de Jade ou *Yushuangdadi* (玉皇大帝, yùhuángdàdì), conforme refere Wang Xuan'e (2004: 50-51). O chamado *deus da fortuna*, segundo Wang Xuan'e (2004: 65-66), é o deus com poderes sobrenaturais que, no âmbito do taoísmo, se responsabiliza por administrar os bens e riquezas dos homens. A imagem do *caishen* aparece em muitas lojas chinesas, isto é, os comerciantes penduram cartazes com a imagem do deus, inclusive arranjam um espaço adequado para colocar uma peça de porcelana ou cerâmica da figura. Xiao Feng (2014: 39-44) conta que se fazem rituais para pedir ao deus fortuna e proteção da riqueza, sobretudo no aniversário de *caishen* (5º dia do Ano Novo Chinês). O termo *deos*, no dicionário de Gonçalves (1831: 230), surge representado em duas entradas diferentes, o primeiro,

*deos*, indica principalmente o Senhor Supremo da religião católica, o segundo, *deuses*, refere genericamente os espíritos ou entidades divinas das demais religiões. Inclusive, referem-se em Gonçalves (1831: 230) os *deuses das lojas*, que correspondem a *caishen*, revelando a sua íntima relação com lojas e comerciantes. Quanto ao termo *genio*, encontra-se registado em Gonçalves (1831: 402) como sinónimo do termo *espírito*, encaminhando-o para o termo chinês *shen* ou *shenxian* (神仙, shénxiān, 'espírito, deus'). No ocidente, segundo Bluteau (1713: 52), *génio* era usado para referir um espírito que governava todas as coisas do mundo, incluindo a criação do mundo, dos reinos, das pessoas, o seu destino e fortuna. Porém, ao contrário de *caishen*, este *génio* não pertence a nenhuma religião específica, surgindo de uma superstição de origem árabe pré-islâmica, conforme refere Gwinn (1993: 556).

7.1	Hua pessoa, q̃ tem coração p. <sup>a</sup> matar os filhos, não hé homem, hé pior que <u>os brutos</u> , e feras...	一个人忍心殺自己的 兒女不單算不得人連 <u>牲口禽獸也不如</u> [148v]	Manuscrito
7.2	huma pessoa, que tem coração para matar os filhos, não he homem, he peior, que <u>os animaes</u> , e feras...	一个人忍心殺自己的 兒女不單算不得人連 <u>牲口禽獸也不如</u> [293]	<i>Arte China</i>

Tal como se refere em Barros e Ng (2014: 385), existe variação a nível lexical na frase em português, sendo utilizado o vocábulo *brutos* no manuscrito e *animaes* na obra impressa *Arte China*. Segundo Bluteau (1712: 200), o termo *bruto* significa 'animal'. No caso das frases em chinês, tudo se mantém igual nas duas obras. O vocábulo *shengkou* (牲口, shēngkǒu, traduzido literalmente 'animal'), segundo Xia Zhengnong e Chen Zhili (2009: 2028) é empregado normalmente para referir animais criados pelo homem, para trabalhar nas atividades domésticas, ser usado em rituais e servir para a alimentação, correspondendo aos vocábulos em português. Por outro

lado, Gonçalves (1831: 47, 111) indica que os termos *bruto* e *animal* são sinónimos. Este termo alternativo surge ao longo do texto no manuscrito, sendo *animal* frequentemente mais utilizado nas frases do que *bruto*.

Na verdade, dentro da mesma frase em português existe variação lexical: no manuscrito, *bruto* e *fera*, e na *Arte China*, *animal* e *fera*; *fera*, como refere Bluteau (1713: 77), é empregado maioritariamente para referir animais ou bestas ferozes.

Ora, estamos neste caso diante de variação diacrónica, já que o substantivo *bruto* começou por designar 'animal selvagem, fera', até ao século XIX, século em que partilhou também a aceção mais ampla de 'animal', podendo incluir, para alguns falantes, os não selvagens, e acabaria por desaparecer em ambas as aceções denotativas, para se manter no português contemporâneo, como substantivo e adjetivo, sobretudo no sentido conotativo de (pessoa, homem) 'torpe, de maus modos, pouco delicado' (veja-se o seu uso antigo, e divergências entre *bruto* como 'animal selvagem' e *bruto* enquanto 'animal', podendo incluir os domésticos ou da quinta, em Barros, 2013: 53).

Por outro lado, encontramos na frase 7a ainda o substantivo *gado*, representando o 'conjunto de animais do campo', aqui menos comumente no plural, como que referindo cada conjunto de animais distintos:

7a	No tempo, em q' a seara está verde, todas as cazas devem de boamente guardar os seus <u>gados</u> ;	有青苗在地的時候 家ヒ都該當好上 守管他們的牲口[123]	Manuscrito
7b	Os filhos desobed. <sup>tes</sup> a seus Pais são peiores, q' as <u>feras</u> :	忤逆父母的兒子不如禽獸 [58v]	Manuscrito
7c	Que <u>feras</u> cassas?	大什么野獸[102]	Manuscrito

8.1	Tenho hum <u>creado de Caza macho</u> , cuida de dentro, e de fora de Caza, acarreta agoa, e lenha, <u>sega erva</u> , dá de comer aos cavalos	有一房家人男的打裏 照外挑水搬柴割草喂 馬 [146]	Manuscrito
8.2	Tenho hum <u>casal</u> , <u>o macho</u> cuida de dentro, e de fora da casa, acarreta água, e lenha, <u>corta palha</u> , da de comer aos cavallos	有一房家人男的打裏 照外挑水搬柴笛割草 喂馬 [291]	<i>Arte China</i>

Para além da variação lexical no tocante a adjetivos e substantivos, encontramos também a relativa aos verbos. Neste grupo de frases, vamos analisar dois casos de variação. Em primeiro lugar, trata-se da variação entre a expressão *hum creado de Caza macho* e *hum casal*. Este caso acha-se identificado e comentado em Barros e Ng (2014: 381), “ao contrário do manuscrito, que refere apenas um empregado, no impresso a frase refere de imediato um casal – tal como a versão chinesa (coincidente nas duas obras)”. Assim, podemos considerar que, na obra impressa, o autor se preocupou em arranjar uma formulação de conteúdo mais aproximado ao que se expressa na frase em chinês, com a designação *jiaren* (家人, jiārén, literalmente 'família') com o seu quantificador *yifang* (一房, yī fáng, literalmente 'uma casa, um casal'). Quanto ao outro caso de variação, acontece a nível lexical, sobre o verbo e o objeto direto. Conforme se refere na Edição Crítica, a oração pode ter significado diverso. O autor empregou o termo *erva* no manuscrito, e *palha* na *Arte China*. Ambos os substantivos se referem a ervas, porém, muitas vezes, quando falamos de ervas, referimo-nos, tal como escreve Bluteau (1713: 193), a plantas menores, e não a arbustos, sem tronco, mas com talo, com folhas desde a raiz, enquanto a palha representa a erva ou caules secos e cortados. Mas o autor define *palha* de modo algo diferente no seu *Diccionario Portuguez-China* (Gonçalves, 1831: 593), referindo a erva nova e mole que nasce em torno do arroz. No caso da parte chinesa, mantém-se em ambas as obras a mesma formulação, com o substantivo *cao* (草, cǎo, 'erva'), não

se especificando se a erva é seca, nova ou mole. Mei Lianhua (2011: 82-84) menciona que na China existe uma atividade específica de ceifar ervas novas<sup>13</sup> e cereais com uma foice num determinada época do cultivo do arroz. Por outro lado, também podemos interpretar *cortar palha* como a ideia de cortar ervas secas para preparar a comida para alimentação dos cavalos. O termo chinês, *chuacao* (剿草, chuā cǎo, literalmente 'cortar ervas'), surge em Huang Liuhong (1893: capítulo 29), onde se explica como se cuidava dos cavalos e se preparava o alimento, ou o feno, para estes comerem durante a dinastia Qing. Neste sentido, o autor optou por empregar a formulação *cortar palha* na versão impressa.

9.1	Este anno ha de haver <u>m.<sup>to</sup> feno</u> . Depois de <u>ceifado</u> , ainda hade tornar a arrebentar.	今年該當有許多的苜 藿 砍他一次還要發 芽 [50]	Manuscrito
9.2	Este anno ha de haver <u>muita herva molar</u> ; depois de <u>segada</u> ainda ha de tornar a rebentar.	今年該當有許多的苜 藿草 砍他一次還要 發芽 [229]	<i>Arte China</i>

Este conjunto apresenta vários tipos de variação. Consoante o que foi referido em Barros e Ng (2014: 195) sobre estas frases, identifica-se variação lexical e fonética (*rebentar/arrebentar*) nesta sequência de frases. Existe variação lexical no tocante ao substantivo *feno*, presente no manuscrito, e *herva molar* na *Arte China*. De acordo com Gonçalves (1831: 365), *feno* refere a erva seca, tal como já se lia em Bluteau (1713: 76): “erva dos Prados crescida, cortada & secca”<sup>14</sup>. Ao passo que *herva molar* ou *erva-molar* representa uma planta da família das Gramíneas<sup>15</sup> conhecida também

<sup>13</sup> Falando sobre o processo de cultivo de arroz, inclui esta obra um passo importante que é o de arrancar as ervas daninhas durante o cultivo. Normalmente há três momentos importantes para se cortarem as ervas. O primeiro é quando a planta semeada está quase a brotar da terra, sendo preciso retirar as ervas daninhas que entretanto nasceram, normalmente com as mãos, para ajudar a planta a ficar mais solta e a crescer mais facilmente. A segunda vez é quando a planta acaba de dar fruto, e a terceira quando o fruto está já maduro. Nestas últimas vezes, é importante ter o cuidado de tirar todas as ervas, sobretudo as novas e moles, sem deixar nenhuma na terra de cultivo, dado que a erva pode voltar a enraizar-se na terra e estragar assim o processo de cultivo do arroz.

<sup>14</sup> Regista-se no dicionário de Raphael Bluteau que o *feno*, para além de ser uma erva cortada quando seca, serve também para dar como pasto às *bestas*.

<sup>15</sup> <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/erva-molar> (consultado a 27 de agosto de 2014).



como *erva-temporã*. Por outro lado, a erva *muxu* (苜蓿, mùxu), conforme explica Gonçalves (1833: 730), consiste numa espécie de *herva molar*. Além disso, menciona-se em Rao Qiuxia (2000: 42) que a erva *muxu* é conhecida também como *alfafa*, planta muito utilizada na antiga China para alimentar animais, incluindo os cavalos, segundo indica Luo Zhufeng (1992: 336). Esta designação, *herva molar*, surge mais uma vez numa outra frase, correspondendo também a erva *muxu*. Contudo, hoje em dia, esta erva-molar parece diferenciar-se da conhecida alfafa.

9a	Ora tendo vontade de salvar, não tendo a arte de converter em ouro, sempre fica mera arte de <u>herva molar</u> , [que não falta.]	奈援溺有心而點金無術 仍是苜蓿伎倆耳[407]	<i>Arte China</i>
----	--	----------------------------	-------------------

Em segundo lugar, existe variação lexical entre as formas do particípio passado dos verbos sinónimos *ceifar* e *segar*<sup>16</sup>. Tal como indica Gonçalves (1831: 147, 749), ambos correspondem ao mesmo termo chinês, *kan* (砍<sup>17</sup>, kǎn, 'cortar ou segar'). Por último, existe também variação lexical entre os verbos sinónimos *arrebentar* e *rebentar*<sup>18</sup>, conforme Bluteau (1720: 137)<sup>19</sup>. Entretanto, o verbo chinês utilizado na frase é *faya* (發芽, fāyá, 'germinar').

10.1	Naõ há de ter hum <u>amor dezordenado a hum</u> , e maltratar os outros	你不要有偏情偏向爱 一个苦刻别的 [146]	Manuscrito
10.2	Naõ has de ter <u>paixaõ por hum</u> , e maltratar a outros	你不要有偏情偏向爱 一个苦刻别的 [291]	<i>Arte China</i>

No presente grupo, a variação acontece nas frases em português. Estas frases foram comentadas em Barros e Ng (2014: 381), indicando-se que o autor apresenta na

<sup>16</sup> No *Diccionario Portuguez-China* de Joaquim Gonçalves, o termo *segar* remete para o termo *ceifar*. Este último consiste na ideia de colheita dos cereais ou cortar com um instrumento de uso agrícola para apanhar os cereais do cultivo.

<sup>17</sup> No *Diccionario China-Portuguez*, o carácter 砍(C'an) está registado com o significado de 'cortar com faca', pp: 492.

<sup>18</sup> No *Diccionario Portuguez-China*, pp: 67, *arrebentar*: Regista-se o termo com a ideia de explodir ou sair da terra para fora. Quanto ao termo *rebentar* não figura como verbete neste dicionário.

<sup>19</sup> Regista-se neste dicionário que o termo *rebentar* é sinónimo de *arrebentar*, remetendo a pesquisa para este verbete.

*Arte China* o substantivo *paixão* e, no manuscrito, a designação alternativa *amor dezordenado*. O termo *paixão* é explicado em Gonçalves (1831: 591) através da expressão "ter paixão por elle", indicando em chinês "偏爱他" (piān'ài tā, 'ter gosto ou preferência por ele') e "偏護" (piān hù, 'ter preferência em apoiar ou defender uma pessoa'). Entretanto, Bluteau (1720: 188) explica que *paixão* se refere a um 'movimento do apetite sensitivo', o qual pode levar-nos até ao objeto ou desviar-nos dele, conforme as boas ou más qualidades que nele se observa. Quanto a *amor dezordenado*, pode ser compreendido através do significado dos termos de maneira separada, sendo *amor*, em Bluteau (1712: 345), uma 'inclinação da vontade para o que lhe parece bem', e *desordenado*, uma 'coisa sem ordem' (Bluteau, 1713: 160), os quais, juntos, traduzem um 'amor extremo, contrário à razão'<sup>20</sup>. No caso da frase em chinês, o conteúdo mantém-se igual, porém, encontram-se várias designações sinónimas dentro da mesma frase, sendo *pianqing* (偏情, piān qíng, "paixão") e *pianxiang* (偏向, piānxiàng, 'inclinação para um lado' ou 'gostar muito de defender uma coisa ou pessoa sem princípios'), *ai* (愛<sup>21</sup>, ài, 'amor'); trata-se de três designações alternativas.

11.1	Elle quer <u>Botaõ</u> , e diz, q' os Pais não tem animo p. <sup>a</sup> gastar alg. <sup>s</sup> taés: p. <sup>a</sup> obter hum <u>officio de Titulo</u> ; ã não cuida da honra da sua caza.	他要頂帶說父母捨不得幾兩銀子納一个監不過自己家裡體面 [158]	Manuscrito
11.2	quer <u>remate</u> (habito), e diz, que os pais não tem animo para gastar alguns taes, para obter hum <u>officio honorário</u> ; que não cuida da honra da sua casa.	要頂戴說父母捨不得幾兩銀子納一个監不顧自己家裡體面 [298]	<i>Arte China</i>

Neste grupo observa-se variação lexical entre os termos *botão* e *remate*, e variação lexical e morfológica entre a expressão *officio de Titulo* (manuscrito) e

<sup>20</sup> Bluteau indica que *paixão desordenada* é um 'tipo de paixão com sentimento violento, cego, inclusive contrário à razão'.

<sup>21</sup> Luo Zhufeng (1991: 631) indica que o carácter 愛 (ài) representa um 'sentimento de afeto profundo e honesto para tratar alguma coisa ou pessoa'.

*officio honorário (Arte China)*, ocorrendo aqui uma mudança não apenas lexical, de *título* para *honor*, mas entre o complemento determinativo "de título", composto de preposição e substantivo, e o adjetivo (*honorário*). Estas variantes são comentadas em Barros e Ng (2014: 400): “envolvendo aspectos interculturais, é normal que a versão portuguesa seja diferente em ambas as obras; "obter Botaõ", no manuscrito, ou seja, um indicador de um posto ou dignidade específicos (conforme a cor do mesmo), é no impresso "querer remate", que o próprio autor explicita como "(habito)"; "obter um officio de Titulo" é "obter um officio honorário". Durante a dinastia Qing, os mandarins vestiam uma roupa uniformizada com aspetos especiais que indicavam o seu nível na hierarquia, inclusive nos acessórios. Gong Shuze e Liu Delin (2013: 68) referem que o chapéu, como parte do vestuário dos funcionários da corte imperial chinesa, apresentava determinados aspetos que distinguiam o nível da hierarquia a que pertenciam. Em chinês chamamos ao isto *dingzhu* (頂珠), *dingdai* (頂戴), *dingdai* (頂帶) ou, antigamente, *dingzi* (頂子), como foi registado na frase em chinês no impresso. Trata-se de uma pequena peça de pedra preciosa redonda que não apenas ornamenta a parte de cima do chapéu, mas também revela o nível ou título. Portanto, podemos considerar que o autor escolheu *botão* por este ter a forma e função aproximadas do *dingdai*, designado ainda no dicionário de Gonçalves (1831: 107) como *botaõ de barrete*, com remissão para o termo *insígnia*, já indicada na edição crítica (Barros e Ng, 2014: 400). No *Diccionario Portuguez-China*, Gonçalves (1831: 450) acrescenta ainda que “a primeira, e segunda ordem tem remate de pedra preciosa vermelha (o da segunda mais pequeno)”, “a terceira, e quarta de pedra azul”, “a quinta de cristal ou vidro claro”, “a sexta de jaspe, ou vidro baço”, “a setima, oitava, e nona, de ouro lavrado”. Nesta descrição das insígnias, o autor designa esse botão também como *remate*, ou *remate do barrete* (Gonçalves, 1831: 710), entendido no sentido de parte do acabamento ou cimo de uma coisa, neste caso o cimo do chapéu, o que corresponde ao significado da designação chinesa.

12.1	Aqui esta <u>chili</u> .	這裡有鹹菜 [79]	Manuscrito
12.2	Aqui estão <u>ervas salgadas</u> .	這裡有鹹菜 [248]	<i>Arte China</i>

O autor inclui um interessante diálogo sobre refeições e comida ao jantar. As frases acima foram coletadas do mesmo diálogo nas duas obras. Em Barros e Ng (2014: 258) indica-se que há uma significativa disparidade entre o conteúdo das duas frases, concluindo-se que “a designação chinesa, de que a versão portuguesa impressa se acha mais dependente, não exclui, contudo, a ideia do picante, presente no chili, embora o sentido prevalecente seja a de salgado”. Na gastronomia oriental existem diferentes tipos de acompanhamentos feitos de legumes ou verduras, incluindo, no nosso caso, o atual e conhecido *xiancai* (鹹菜, xián cài, literalmente 'legumes ou ervas salgadas'). Este é um nome genérico dado às diferentes maneiras de se apresentarem e comerem legumes em conservas, cuja sensação gustativa consiste em ser primeiramente salgado, às vezes com um toque ácido, ou picante, ou doce, ou mistura de dois ou mais sabores. Inclusive, o sabor varia de região para região, usando-se temperos diferentes. Na *Arte China*, o autor, por sua vez, ressalta o sabor salgado deste acompanhamento, o que parece aproximar-se do atual sabor. Contudo, no caso do manuscrito, este indica apenas *chili*, o qual, segundo Gonçalves (1831: 157), diz respeito a 'uma espécie de pimento usado principalmente na província de Sichuan'. Dalgado (1919: 273) refere que *chile* em português, *chilly* em indo-inglês, ou ainda *pimenta longa* em Goa, designam uma 'espécie de malagueta consumida em Macau e Timor'. Dalgado acrescenta que “o termo entrou por via do malaio, que o recebeu do nome geográfico americano”. Siméon (2004: 102) indica que *chilli*, palavra com origem na língua nautle ou mexicana, significa 'pimento'. Assim, podemos considerar que o autor terá indicado a característica de picante no manuscrito, e a de salgado na obra impressa, sendo ambas propriedades relacionadas com o acompanhamento. Esta variação podia ter acontecido pela complexidade e dificuldade em explicar o sabor das conhecidas ervas.

13.1	Vestem se grosseiram. <sup>te</sup> , e <u>a sua comida</u> <u>hé arroz</u>	穿粗布的衣裳 吃家 常飯 [146v]	Manuscrito
13.2	vestem-se grosseiramente, e <u>a sua</u> <u>comida he ordinaria.</u>	穿粗布的衣裳吃家常 飯 [291]	<i>Arte China</i>

No diálogo 46 do manuscrito, chamado *Pai de Familias*, encontramos um caso de variação interessante em comparação com a obra impressa. Barros e Ng (2014: 382) indicam a este respeito o seguinte:

No impresso interpreta-se a designação chinesa 'comida/arroz habitual de casa' como *comida ordinária* (termo antigo para o actual *comum, habitual, vulgar*), enquanto no manuscrito se entende directamente como *arroz* (já que o carácter que o representa figura na expressão), por ser o ingrediente mais frequente na alimentação chinesa (ainda que também pudesse ser a massa).

Na gastronomia chinesa, e sobretudo na cantonesa, existe uma grande tradição de consumo de arroz nas refeições quotidianas. Entretanto, quando falamos de *jiachangfan* (家常飯, jiācháng fàn, literalmente, 'arroz habitual de casa'), conforme explica Luo Zhufeng (1989: 1472), referimo-nos a 'comida simples', não especificamente arroz, mas também massa ou outro tipo de refeição preparada em casa no dia-a-dia, o qual difere da comida feita para ocasiões especiais (aniversário, casamento, promoções, etc). Contudo, podemos ainda interpretar a designação chinesa num outro sentido. Tendo em conta o contexto do diálogo, podemos considerar que a designação chinesa se está a referir à qualidade ou custo baixos na confeção da comida, isto é, a comida é simples, vulgar e não luxuosa. Assim como diz um provérbio chinês, *yaobaojiachangfan, yaonuanbuyishan* (要飽家常飯, 要暖布衣衫, yào bǎo jiācháng fàn, yào nuǎn bù yīshān, literalmente, 'para nos satisfazermos/saciarmos comemos comida simples, para nos aquecermos vestimos roupa de pano/linho), segundo regista Zhu (1989: 814), o qual refere que uma pessoa

deve saber viver de maneira poupada, sendo aqui a designação *jiachangfan* usada no sentido de 'comida de qualidade económica'. Esta designação chinesa surge também numa frase no diálogo 23, intitulado *Jantar*, onde o autor optou por interpretar como *jantar ordinário*, sendo igual no manuscrito e na *Arte China*. Inclusive, o autor explica a palavra *kea cham* ou *jiachang* (家常, literalmente, 'habitual de casa') como 'ordinário':

13a	Convido o S. <sup>r</sup> p <sup>a</sup> hum <u>jantar ordinario</u> .	請你納吃些家常飯 chien ni na chě sie <u>kea cham</u> fam ordinr.º [75]	Manuscrito
13b	Convido a Vmce. para hum <u>jantar ordinario</u> .	請你納吃家常飯 [246]	<i>Arte China</i>
13c	Convido a Vmcê para hum <u>jantar diario</u> .	請喫家常飯 [115]	<i>Arte China</i>

Porém, há ainda outro caso na *Arte China* em que o autor emprega a designação chinesa na frase 13c, correspondendo em português, desta vez, a *jantar diario*. No sentido de uma coisa que se costuma fazer, como indica Bluteau (1720: 108), o autor empregou como alternativa o adjetivo *diário*, tendo em conta também que a designação em chinês traduz a ideia de diariamente, habitualmente, ou sempre.

14.1	O Homem não deve andar buscando a <u>felicid.º de couzas caducas</u> :	人不該圖暫時的安逸 受用 [155v]	Manuscrito
14.2	O homem não deve andar buscando o <u>transitorio socego, os deleites, gôzos, e a vontade do corpo</u>	人不該圖暫時的安逸 快樂受用肉身的自在 [296]	<i>Arte China</i>

A variação existente no presente grupo, a nível lexical e morfossintático, foi comentada em Barros e Ng (2014: 396), mencionando-se que se encontra uma “curiosa formulação alternativa e mais específica” no livro impresso, sendo “a

*felicid.<sup>e</sup> de couzas caducas*" no manuscrito e "o transitorio socego, os deleites, gôzos, e a vontade do corpo" na *Arte China*. No caso do manuscrito, a frase em chinês compõe-se de uma sequência de duas designações sinónimas *anyi* (安逸, ānyì, literalmente 'bem-estar, conforto') e *shouyong* (受用, shòuyong, literalmente 'gozo'), enquanto na *Arte China* o autor optou por referir, além dessa, mais duas alternativas, *kuaile* (快樂, kuàilè, literalmente 'felicidade') e, finalmente, a expressão *roushendezizai* (肉身的自在, literalmente 'bem-estar ou vontade do corpo'). O autor, de vez em quando, opta por empregar uma sequência de léxico sinónimo dentro de uma mesma frase, o que, provavelmente, facilitaria o ensino de vocabulário nas aulas.

15.1	A cada hum <u>dizimo</u> hum, ou dois condrins	每一个人扣他一二分 [119]	Manuscrito
15.2	a cada hum <u>siso</u> hum, ou dois condrins.	每一个工克扣他一二分 [272]	<i>Arte China</i>

A variação existente neste grupo de frases acontece a nível lexical “entre os verbos *dizimar* ('tributar com dízima, retirar a dízima') e *sisar* ('tributar com sisa, retirar a sisa)”, conforme se comenta em Barros e Ng (2014: 337). No caso das frases em chinês, a variação acontece no verbo *kou* (扣, kòu, literalmente 'tirar') que significa 'abater/descontar', enquanto *kekou* (克扣, kèkòu, literalmente 'tirar ilicitamente algum dinheiro') traduz a ideia de 'subtrair parte do dinheiro ou propriedade a alguém, entregando-se-lhe menos do que se deveria'. Entretanto, no seu dicionário, Gonçalves (1831: 274, 765) explica que *dizimar* significa 'tirar ou reduzir um de cada grupo de dez', enquanto *sisar* apresenta dois significados, o de 'retirar dinheiro' e o de 'roubar dinheiro'.

Outro caso similar a este tipo de variação acha-se no diálogo *Comprador*, na *Arte China*, onde se regista uma frase composta pelo verbo *sisar*. Estas frases, registados na tabela abaixo, foram comentadas também em Barros e Ng (2014: 412), indicando-se que “no impresso o sentido é algo diferente ao empregar-se *para outro* onde no manuscrito se utiliza (*comprar*) *por outros*; surge um sintagma a mais, para

esclarecer (*algumas coisas*), e um verbo mais específico (*sacar/sisar*)” (vejam-se as frases no quadro abaixo). Trata-se de um truque usado para tirar dinheiro quando se fazem compras para outras pessoas. O autor acrescenta o sintagma *algumas coisas* na obra impressa, compondo assim uma alternativa literalmente mais próxima do chinês 買東西 (*mǎi dōngxī*, 'comprar coisas'), que costuma incluir o objeto direto.

15a	Indo <u>comprar por outros, sacoulhe</u> 300, ou 400 reis.	替別人買東西打了他三四百錢的斧頭 [165]	Manuscrito
15b	indo <u>comprar para outro algumas coisas, sisou-lhe</u> trezentos, ou quatrocentos reis	替別人賣東西打了他三四百錢的斧頭 [303]	<i>Arte China</i>

Gonçalves também prefere no impresso o verbo *sisar* ao verbo *sacar*, embora em chinês o verbo não varie nas duas obras, significando indubitavelmente 'roubar' neste contexto, já que não se refere ao pagamento de sisa, mas a tirar uma quantia sem justificação e permissão do dono desse dinheiro. Em português, contudo, os dois verbos oferecem significados algo ambivalentes, podendo significar 'roubar' ou simplesmente 'tirar', pois tanto se pode 'tirar' o que é de lei, a quantia da sisa, como tirar sem justificação, indevidamente, e então, sim, 'roubar', pelo que não é tão claro o que terá levado o autor a esta variação lexical. No caso das frases em chinês, tudo se mantém da mesma forma, sendo correspondente aos verbos alternativos em português a designação idiomática chinesa *da futou* (打斧頭, *dǎ fūtóu*, literalmente 'bater no machado'), que, segundo menciona Bai Wanru (2003: 5), é uma expressão idiomática regional, de Cantão, que se interpreta como 'tirar dinheiro para si quando se faz compras para outra pessoa'. Assim, a expressão chinesa coincide com a ideia do verbo *sisar* e *sacar*, no sentido de 'tirar dinheiro aos outros sem justificação'.



16.1	A mulher havia de <u>affogar</u> a menina	想不到婦人把女兒 <u>吻</u> 死了 [148]	Manuscrito
16.2	A mulher havia de <u>suffocar</u> a menina	想不到婦人把女兒 <u>杜</u> 死了 [292]	<i>Arte China</i>

Tal como se menciona em Barros e Ng (2014: 385), neste par de frases existe “variação lexical, ou mesmo semântica (para além da acepção de 'cortar a respiração enfiando na água, matar', *affogar* podia, no português antigo, ser sinónimo de *sufocar*)”. Nas frases em chinês encontramos também variação lexical entre os caracteres *wen* (吻, wěn, literalmente 'fechar', 'boca', 'lábios', 'beijar') e *du* (杜, dù, literalmente 'tapar ou impedir'), as quais, junto ao carácter *si* (死, sǐ, literalmente 'morrer'), podem expressar o sentido de 'matar por asfixia', representando o primeiro a 'ação de tapar a boca até não respirar', e o outro de 'impedir a respiração'. Contudo, o carácter *wen*, na prática, é usado frequentemente no sentido de 'beijar' e 'boca'. Enquanto que o carácter *du* possui um significado mais direito de 'tapar'. Como se refere no comentário da Edição Crítica, o verbo *afogar*, na frase 16.1, é usado no sentido de 'matar por sufocamento, cortando a respiração', enquanto em outras frases, como as registadas na tabela abaixo, o verbo é usado no sentido hoje mais comum, o de 'asficiar por penetração da água nos órgãos respiratórios', correspondendo em chinês ao um mesmo carácter *yan* (淹, yān, literalmente 'afogar ou inundar'), como indica Gonçalves no seu *Diccionario China-Portuguez* (1833: 549):

16a	Hum dia estive p. <sup>a</sup> me <u>affogar</u> , té agora ainda não estou e' mim:	有一日要淹死到如今還是害怕 [103]	Manuscrito
16b	hum dia estive para me <u>afogar</u> , até agora ainda não estou em mim	有一日要淹死到如今還是害怕 [264]	<i>Arte China</i>
16c	Quando tu chegaste, eu estava para me <u>afogar</u> .	我要淹死。他來我終去。 [10v]	Manuscrito
16c	Quando tu vieste, eu estava para me <u>afogar</u> .	多咱你到了我要淹死 [136]	<i>Arte China</i>

17.1	Elle falla m. <sup>to</sup> bem. Elle sabe fallar Pekim, Nam Kim, <u>Fokien</u> , Cantaõ, <u>Hu Kuam</u> , a lingua de <u>cada Prov.<sup>a</sup></u>	他狠有本事說話 北京南京 <u>福建廣東湖廣</u> 各省的話都會說 [94v]	Manuscrito
17.2	Elle falla muito bem: sabe fallar a língua de Pekim, <u>Fukien</u> , <u>Hucuan</u> , de <u>todas as provincias</u> ;	他狠有本事說話 北京 <u>福建湖廣</u> 各省的話都會說 [259]	<i>Arte China</i>

Este conjunto de frases pertence ao diálogo 29 do manuscrito (fls. 93v-95v) e ao diálogo 28 da *Arte China*, pp. 258-259), intitulados, respetivamente, *Informar se de hu' sugeito* e *Informar-se de hum sugeito* (打聽一个人, dǎtīng yīgè rén). O autor, entre o momento de elaboração do manuscrito e o da publicação da *Arte China*, preocupou-se em reescrever e reconstruir frases, apresentando alternativas possíveis para o aprendente desenvolver e ampliar os seus conhecimentos linguísticos. Tal como se comenta em Barros e Ng (2014: 298), existe variação nessas frases, já que “as línguas referidas, no manuscrito representadas apenas pelo nome da província, são menos na obra publicada, e o complemento determinativo final tem formulação sinónima”. Eis aqui a variação na escolha de pronomes, *todas* e *cada*, colocados antes do substantivo *província*, nos sintagmas "de cada província" e "de todas as províncias", complementos determinativos de formulação sinónima. A variação também acontece quanto à estrutura do predicado a que esse complemento pertence, já que "a língua" surge apenas como esclarecimento ou reforço aclarador na primeira frase, não fazendo parte do Complemento direto após o verbo (composto apenas pelo nome de cada língua, representado pelo nome da respetiva cidade). Isto porque, no manuscrito, as línguas são referidas através do nome das cidades, ou seja "falar Pekim", enquanto no impresso se inclui no SN complemento direto o habitual substantivo seguido de complemento determinativo ("de Pekim"): "a língua de Pekim". A formulação da frase do manuscrito pode ter sofrido maior influência da

frase em chinês, já que nesta se indicam também os nomes das províncias.

Quanto aos topónimos chineses, acham-se escritos através de caracteres ocidentais, isto é, o alfabeto romano. Segundo se refere em *Mandarin Chinese Phonetics*, existiam várias maneiras de romanização, dependendo muitas vezes da região e das línguas regionais. Portanto, naquela altura, os nomes de localidades chinesas não possuíam uma escrita ocidental uniformizada. É por isso que podemos encontrar alguns nomes de cidades e províncias chinesas cuja romanização variava levemente do manuscrito para a obra impressa. Por exemplo:

<b>Manuscrito</b>	<i>Arte China</i>	<b>Mandarim atual</b>	<b>Dialecto de Fujian atual</b>	<b>Dialecto de Cantão atual</b>	<b>Nome romanizado atual</b>
Fokien	Fukien	Fujian (福建, Fújiàn)	Hok-kiàn	Fūk gin	Fukien, Fujian, Fuquiém, Hokkien
Hu Kuam	Hucuum	Huguang (湖廣, húguǎng)	Hô khòng	Wùh gwóng	Huguang

Atualmente, a romanização do nome da província de Fujian ainda apresenta alguma variação; entre as variantes mais usadas temos Fukien, Foukien ou Hokkien. Na altura em que o Padre Joaquim Gonçalves trabalhava em Macau, a população compunha-se principalmente de chineses migrantes provenientes das regiões à beira-mar, da província de Cantão (da região de Xiangshan) e da província de Fujian. Os dialetos ou línguas maioritariamente utilizados eram o cantonês, e, a seguir, o fukinês, devido a estas serem as línguas faladas nas suas terras respetivas, como referem Zheng Tianxiang (1994: capítulo 6). Portanto, os falantes em Macau podiam chamar a essa cidade *Fukien* ou *Fokien*, ou ainda *Fujian* ou *Fukgin*. Embora estejamos a falar de uma mesma cidade, o seu nome poderia ser pronunciado com alguma variação fonética devido à variedade de dialectos, ou seja, estamos diante de variação diatópica ou geográfica. No caso presente, interessa sobretudo referir alguns dos dialetos presentes em Macau. Como se trata do nome da província de *Fujian*, o

dialeto *Minnan* (閩南話, mǐnnánhuà) e o dialeto *Kejia* (客家話, kèjiā huà) seriam alguns dos mais utilizados. Embora estes dialetos sejam falados dentro de uma mesma província, apresentam variação na realização de vários fonemas. No caso do nome da província, atualmente, em dialeto de *Minnan* diz-se [hok-kiàn]<sup>22</sup> e em dialeto de *Kejia* pronuncia-se [fuk5-gien4]<sup>23</sup> ou [Fuk-kian]<sup>24</sup>. Se observarmos a obra *Arte China* e o manuscrito, constataremos que os nomes registados são, respetivamente, *Fukien* e *Fokien*, os quais mostram uma certa aproximação à forma de pronúncia em dialeto de *Kejia* como [Fuk-kian]. Quanto à diferença dos fonemas [o] e [u] entre as duas palavras, seria uma diferença ainda mais minuciosa, mas é preciso ainda ter em conta que a grafia portuguesa com *o* e com *u* era equivalente para muitas formas da língua, e alternava por vezes livremente, ou seja, sem corresponder necessariamente a uma diferença de realização fonética. Por outro lado, este topónimo é atualmente pronunciado em cantonês como [fok kin]. Harris (2008: 101) refere que a romanização dos nomes de cidades e localidades da China terá sido regularizada e uniformizada pela primeira vez apenas em 1906, quando ocorreu uma conferência subordinada ao título *The Imperial Posts and Telegraphs Joint Conference* (帝國郵電聯席會議), ocasião em que foi decidido que alguns dos nomes das cidades e localidades de Cantão, Guangxi e Fujian podiam continuar a ser escritos com elementos fonéticos baseados nos dialetos locais, utilizando o sistema de Wade-Giles. É por isso que, hoje em dia, a província é conhecida em muitos casos como *Fukien*. Contudo, há também outros casos em que usamos *Fujian*, dito com a pronúncia do mandarim, de acordo com o sistema de romanização atual do mandarim-padrão, que começou a usar-se a partir de 1958, tendo substituído quase completamente as romanizações anteriores. No que toca ao segundo topónimo, *Hu Kuan*, no manuscrito, e *Hucuan*, na *Arte China*, a variação centra-se na representação da consoante oclusiva velar surda pela letra *c*, *habitual em português*, ou pela letra *k*, que só existe em português nas palavras de origem estrangeira, e que segue, habitualmente, sistemas gráficos como os de origem inglesa. As duas variantes são muito aproximadas ao

---

<sup>22</sup> <http://kaifangcidian.com/han/minnan/%E7%A6%8F%E5%BB%BA> (consultado a 21 de agosto de 2014)

<sup>23</sup> <http://cn.voicedic.com/> (consultado a 21 de agosto de 2014)

<sup>24</sup> <http://zh.wikipedia.org/wiki/%E7%A6%8F%E5%BB%BA%E7%9C%81> (consultado a 21 de agosto de 2014)

nome atual, *Huguang*, o qual se pronuncia como [xukuaŋ]<sup>25</sup>.

18.1	<u>ainda</u> m. <sup>mo</sup> <u>Man</u> <u>xou</u> , e o Portuguez, falla-o <u>lindam</u> . <sup>te</sup>	<u>連滿洲</u> 西洋話他都說的 <u>狠</u> <u>清楚</u> [95]	Manuscrito
18.2	<u>até</u> o <u>Tártaro</u> , e o Portuguez, falla-os <u>correntemente</u> .	<u>連滿州</u> 西洋話他都說 <u>狠的</u> <u>快</u> [259]	<i>Arte China</i>

A variação que se verifica entre as duas sequências de frases tem a ver com algumas diferenças na escolha de léxico. Esta parte será tratada separadamente em dois grupos, um primeiro grupo para advérbios e pronomes e outro grupo para substantivos. Através da tabela de variantes abaixo, vemos que o primeiro caso de variação acontece na primeira oração da terceira frase, e diz respeito ao uso de advérbios, *ainda* e *até*. Ambos são considerados advérbios, contudo, a função destes não parece ser a de modificar um verbo, adjetivo ou advérbio, mas o de acrescentar ou significar independentemente alguma coisa. Segundo Cunha e Cintra (2000: 372-373), os advérbios são palavras denotativas ou locuções denotadoras<sup>26</sup>. A gramática normativa inclui entre os advérbios de inclusão *ainda*, *até*, *mesmo*, *inclusivamente* ou *também*<sup>27</sup>. Por outro lado, o autor indica o significado do vocábulo *até* no *Diccionario Portuguez-China* (Gonçalves, 1831: 77) através de um exemplo: *até eu* (連我也 ou 連我都, traduzido literalmente como *mesmo eu* ou *ainda eu*), correspondendo este ao uso na frase chinesa da *Arte China*. Sendo assim, podemos perceber que a ideia do autor nesta frase é a de referir ou incluir ainda mais duas línguas as outras indicadas anteriormente. Na *Arte China*, o padre e autor lazarista decidiu utilizar uma alternativa, e em vez do advérbio *ainda*, optou pelo advérbio *até*, cujo significado e função são muito aproximados aos do anterior.

Outro grupo de alternativas de advérbios figura na segunda oração da terceira

<sup>25</sup> <http://www.zdic.net/appendix/fl10.htm> (consultado a dia 14 de agosto de 2014).

<sup>26</sup> Cunha & Cintra referem como palavras denotativas aqueles advérbios cuja função não é modificar nem um verbo nem um adjetivo ou advérbio, mas o denotar inclusão, exclusão, designação, realce, rectificação e situação. As palavras ou locuções denotadoras que indicam *inclusão* incluem alguns advérbios, como *até*, *inclusive*, *mesmo*, *também*, etc.

<sup>27</sup> <http://www.universal.pt/main.php?id=69&in=36> (consultado a 12 de agosto de 2014)

frase de cada grupo. Mostra-se aqui um caso interessante de variação de advérbios de modo terminados em *-mente*. Contudo, como já antes se referiu na edição crítica do manuscrito (Barros e Ng, 2014: 298), “o advérbio de modo varia, inclusivamente em termos de conteúdo”. O advérbio *lindamente* (adjetivo no género feminino *linda* + *mente*, originalmente o substantivo latino no género feminino *mens*, *-tis*), na oração *falla-o lindam.<sup>te</sup>*, foi usado pelo autor para modificar o verbo *falar*, de maneira a expressar a ideia de um estilo perfeito, de uma competência notável no uso da língua. Na *Arte China*, o advérbio *correntemente* (adjetivo *corrente* + *mente*) na oração, *falla-os correntemente*, modifica o verbo *falar* indicando uma forma *corrente*, ou seja, fluente, de *falar* uma língua. Tendo em conta a variação surgida entre ambos os pronomes oblíquos ligados ao verbo transitivo, *falla-os* na *Arte China* e *falla-o* no manuscrito, vemos variação no tocante ao objeto direto. Na edição crítica indica-se também que a última oração desta frase, no caso da *Arte China*, inclui ambas as línguas referidas na oração anterior, *o Tártaro, e o Portuguez*, o que difere do manuscrito, referindo apenas o *Portuguez*.

Falemos agora sobre os nomes atribuídos a alguns grupos étnicos presentes neste par de frases. Nos dois excertos vemos que há variação entre as denominações tanto na língua chinesa como na língua portuguesa. Olhando para o primeiro grupo de substantivos na tabela abaixo, temos os termos *tártaro* e *man xou*, ambos utilizados como substantivos para representar nomes de línguas. Barros e Ng (2014: 298) indicam que, no caso da *Arte China*, “a formulação continua a ser alternativa, e o nome da primeira língua não é apenas a romanização”, o que podemos verificar nas frases. O autor escolheu utilizar o termo *tártaro*, na *Arte China*, como alternativa de *man xou*. No caso da *Arte China*, o termo *tártaro* possui origem turca<sup>28</sup>, referindo, segundo Bluteau (1721: 56), 'os povos da Tartária'. Fleming (1999: 14) conta na sua obra de aventuras sobre a Tartária que este não é, na verdade, um nome geográfico, mas apenas foi atribuído à região porque é daqui que os seus habitantes são provenientes. Trata-se de uma região de ampla dimensão que cobre atualmente terras

---

<sup>28</sup> Segundo refere J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo (1998: 1569), *tártaro* é aquele 'natural ou habitante da Tartária', derivado do turco *tatar*.

da Sibéria, Turquestão, Mongólia, Manchúria e outras, segundo se mostra num mapa do diplomata holandês Nicolaas K. Witsen<sup>29</sup>. Este termo foi utilizado durante vários séculos pelos europeus para designar esse conjunto de territórios asiáticos, como acrescenta Stephen Kotkin (1996: 12), e ainda hoje refere aquelas terras e povos dispersos pela Mongólia. Portanto, através destas referências, indica-nos que o termo é de caráter genérico. Por outro lado, no caso do manuscrito, figura o termo *Man xou*, uma romanização do nome em chinês, muito aproximada ao nome atual, *manzhou* (滿洲, mǎnzhōu), com alguma variação fonética. Aliás, a variação entre *man xou* e *manzhou* podia inclusive ser classificada como variação diacrónica a nível fonético, já que o se dizia há quase duzentos anos atrás não seria igual ao que dizemos hoje em dia. Entretanto, Xu Zhongshu (2010: 1837-1838) revela que esta etnia, a Man (滿, mǎn), se encontra atualmente espalhada pelo nordeste do território chinês, principalmente pelas províncias de Liaoning, Heilongjiang, Jilin, Hebei, Neimenggu (Mongólia Interior na China), Beijing, etc. Estes povos são conhecidos no ocidente também como *manchus*. Pelos vistos, os dois termos parecem ter significados coincidentes. Por conseguinte, sabemos que o Padre Joaquim Gonçalves quer referir em ambas as obras a língua dos *manchus*, empregando *man xou* no manuscrito e *tártaro* na *Arte China*, mesmo que um pareça ser mais específico do que o outro. Contudo, Gonçalves (1831: 793) explica o termo *tártaro* como 'natural ou habitante de manzhou, e cuja língua tártara é igual à língua dos manzhou'. Podemos considerar estas variantes, *tártaro* e *man xou*, como o resultado da variação geográfica ou diatópica ao nível do léxico, já que ambos os termos se reportam a um mesmo referente.

<b>Manuscrito</b>	<b><i>Arte China</i></b>	<b>Mandarim atual</b>
Man xou	Tártaro	Manzhou (滿洲, mǎnzhōu)
Portuguez	Portuguez	Xiyanghua (西洋話, xīyáng huà)

<sup>29</sup> [http://en.wikipedia.org/wiki/Nicolaes\\_Witsen#mediaviewer/File:Witsen\\_-\\_Tartaria.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/Nicolaes_Witsen#mediaviewer/File:Witsen_-_Tartaria.jpg)



No segundo grupo desta tabela não se mostram variantes entre os termos portugueses, mas sim entre o termo chinês e o português. O termo chinês que foi preferido pelo autor para designar "portuguez" foi *Xiyanghua*, o qual literalmente pode ser traduzido como 'língua do mundo ocidental, ou língua do ocidente'. Para perceber este termo temos que compreender que, antigamente, os chineses, pertencentes à etnia Han consideravam que a sua terra era o centro do mundo. O nome do país, China, em chinês é *Zhongguo* (中國, zhōngguó) que significa o país do meio, ou centro (do mundo). Portanto, os chineses consideravam a parte da China para Este como *dongyang* (東洋, dōngyáng, literalmente 'o oceano oriental, o mundo oriental'), designando sobretudo o Japão, e por vezes a Ásia oriental, ou o leste da Ásia, e da China para Oeste como *xiyang* (西洋, xīyáng, literalmente 'o oceano ocidental, o mundo Ocidental'), para designar os territórios a oeste, incluindo o Índico, a Europa e a América. Na altura, os Chineses ainda não tinham uma noção muito clara sobre os países ocidentais, não distinguindo os diferentes países, portanto, o termo *xiyang* era utilizado para nomear genericamente os países do ocidente. Durante a dinastia Ming foram realizadas as conhecidas 'viagens de Zheng He'<sup>30</sup> (鄭和下西洋, zhènghé xià xīyáng), indicando aqui *xiyang* 'o território marítimo do Mar da China Meridional para oeste', um espaço que passa pelo Arquipélago Malaio, chegando até ao Leste da

<sup>30</sup> Segundo comentam Xia Zhengnong e Chen Zhili (2009: 1925), trata-se das grandes viagens ultramarinas comandadas por Zheng He durante o período da dinastia Ming. Foram no total 7 viagens realizadas entre os anos 1405-1433, partindo de Suzhou para diferentes países e regiões localizadas do Brunei para oeste. Zheng He é considerado como o pioneiro na história da navegação marítima mundial.



África', segundo descreve Luo Zhufeng (1991: 745). Luo Zhufeng ainda regista um segundo significado para o termo *xiyang*, referindo 'os países da América e Europa'. Contudo, o autor revela o significado do termo *portuguez* como adjetivo no seu dicionário (Gonçalves, 1831: 646) como 'tudo aquilo que esteja ligado ao oceano Atlântico'"大西洋的" (dàxīyángde, literalmente 'tudo aquilo que esteja ligado ao oceano Atlântico'), como se apresenta na imagem citada do dicionário. Seguido do verbete, surge um exemplo, "Os – vieraõ a China no reinado de Van-li da dynastia Mim", onde o termo *portuguez* corresponde a "西洋人" (xīyáng rén, literalmente 'pessoas do oceano Atlântico').



Assim, ficamos a saber que é deste ponto de vista que o autor associa *portuguez* a *xiyang*.

19.1	Digame, qual das duas linguas hé mais defícil a <u>Mandarina</u> , ou a <u>Tartara</u> ? Naõ me atrevo a decedir: Porem suspeito, q' a <u>Tartara</u> hé mais difícil.	請問滿洲韃子兩樣的話那樣費事 不敢說一定到底我估量韃子費事 [82]	Manuscrito
19.2	Diga-me qual das duas linguas he mais difficil, a <u>China</u> , ou a <u>Tártara occidental</u> ? Não me atrêvo a decidir: porem suspeito, que a <u>Mandarina</u> he mais difficil.	請問中國韃子兩樣的話那樣費事 不敢說一定到底我佑量官話費事 [250]	<i>Arte China</i>

Este conjunto de frases pertence ao diálogo 25 no manuscrito e ao diálogo 24 na *Arte China*, com o tópico *fallar China* (說中國話). Os dois excertos apresentam variação nos nomes de línguas, tanto nas frases escritas em português como em chinês, como podemos verificar na tabela abaixo:

Manuscrito		<i>Arte China</i>	
Mandarina	滿洲(mǎnzhōu)	China	中國(zhōngguó)
Tartara	韃子(dá zi)	Tártara occidental	韃子(dá zi)
Tartara	韃子(dá zi)	Mandarina	官話 (guānhuà)

Quanto à variação relativa a substantivos, podemos começar pelas duas primeiras frases em português deste conjunto. Em Barros e Ng (2014: 268) já se refere que “na obra publicada as línguas são identificadas em português de modo algo distinto, preocupando-se o autor com uma maior explicitação quanto ao tártaro”. O autor preocupou-se em apresentar uma alternativa para o termo *tártaro*, dando mais um detalhe, o qual figura na obra *Arte China* como *Tártara occidental*. No primeiro conjunto de frases deste capítulo já tive ocasião de referir-me à questão dos tártaros. Este termo genérico, que se refere principalmente a povos turcos e mongóis localizados nas terras russas espalhadas ao longo do Rio Volga, incluindo hoje a Manchúria, foi aplicado várias vezes pelo autor Joaquim Gonçalves para se referir aos manchus, tanto no manuscrito como na *Arte China*. Assim, se olharmos para a primeira frase em chinês, tanto do manuscrito como da *Arte China*, o autor colocou *Tártara* e *Tártara occidental* como sinónimos alternativos correspondentes ao termo chinês *dazi*<sup>31</sup> (韃子, dá zi), segundo Luo Zhufeng (1993: 213). Na verdade, o termo *tártaro*, de acordo com o *Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora, deriva do termo *tatar* da língua turca, cuja pronúncia é muito aproximada ao termo chinês *dada*<sup>32</sup> (韃鞑, dádá), como indica Xu Zhongshu (2010: 4636). Entretanto, foi através

<sup>31</sup> O termo chinês *dazi* (韃子, dá zi) era, antigamente, utilizado pela etnia Han para designar genericamente as etnias do norte da China.

<sup>32</sup> O termo *dada* (韃鞑, dádá) surgiu na dinastia Tang, que era utilizado para designar o conjunto de várias tribos nómadas do norte da China

do termo *dada* que se formou o termo *dazi* (韃子, dázi), um nome depreciativo usado pelos chineses para designar as etnias que atacavam as fronteiras do território imperial, principalmente para chamar às autoridades governantes, no fim da dinastia Qing, o nome de *dazi manchus* (滿洲韃子, mǎnzhōu dázi). No seu dicionário de português-chinês, ou seja, o *Diccionario Portuguez-China*, Joaquim Gonçalves (1831: 793) explica a denominação de *Tartaria occidental* como o sítio dos *dazi mongóis*<sup>33</sup> ou da etnia *xiongnu*<sup>34</sup>. Já no *Diccionario China-Portuguez* (Gonçalves, 1833: 911), afirma que os *dazi ocidentais* são os chamados *tártaros ocidentais*<sup>35</sup>, designação que se distinguia de *tártaro oriental*<sup>36</sup> (os manchus e mongóis). Assim, podemos considerar que, no manuscrito, o autor utilizou *tartara* de maneira genérica, referindo os povos tártaros, e na *Arte China* optou por *tartara occidental* como denominação ainda mais específica, referindo-se aos mongóis e persas.

A variação acontece, no entanto, também no termo utilizado para identificar a outra língua desta passagem, tanto nas frases em português como em chinês. No manuscrito foi aplicado o termo *Mandarina* em correspondência ao termo chinês *manzhou* (滿洲, mǎnzhōu), enquanto na *Arte China* foi escolhido o termo *China* em correspondência com a designação *zhongguo* (中國, zhōngguó, China). Provavelmente, muitos pensarão que a diferença não seria grande entre estes dois termos, *Mandarina* e *China*, porém, a variação do conteúdo é relevante. O primeiro aspeto a tratar é a escolha do autor do termo *China* como alternativa do termo *Mandarina*. Esta variação lexical não altera a ideia anterior da frase expressa em português no manuscrito, já que *mandarina* ou *lingua mandarina* se refere a uma língua falada pelos *mandarins chineses*. Contudo, pensa-se que o termo *mandarim* tenha tido origem no termo malaio *menteri*<sup>37</sup> ou *manteri*<sup>38</sup>, utilizado para designar os

---

<sup>33</sup> A designação registada no dicionário é *sao dazi* (騷韃子, sāo dá zi), que pode ser traduzida literalmente como 'tártaros de mau cheiro', denominação especial utilizada pelo chineses Han para chamar aos mongóis da dinastia Yuan que tinham invadido o seu território.

<sup>34</sup> O termo registado no dicionário é *xiongnu* (匈奴, xiōngnú), utilizado para chamar aos membros da etnia Hu, incluindo os povos persas. Era uma etnia localizada nas fronteiras do norte e ocidente da China antiga, hoje abrangendo os povos da Ásia central e ocidental.

<sup>35</sup> Refere-se que as designações *dazi* (韃子, dá zi) e *dazi ocidental* (西韃, xī dá) significam ambas 'tártaro ocidental'.

<sup>36</sup> No *Diccionario Portuguez-China*, (Gonçalves, 1831: 793) refere-se que a designação *Tartaria oriental* indica o sítio onde vivem os povos mongóis e manchus.

<sup>37</sup> <http://www.ekamus.info/index.php/term/1,27787.xhtml> (consultado a 15 de agosto de 2014)

conselheiros ou ministros do estado malaio. Provavelmente, os Portugueses terão contribuído para a variação geográfica no que toca a este termo, já que, durante o período das trocas comerciais e do encontro com autoridades das terras malaias, tiveram contacto com o termo, que mais tarde introduziram na China. Inclusive, Bluteau (1716 : 284) afirma no seu *Vocabulario portuguez & latino* que foram os Portugueses que deram o nome de *Mandarim* à nobreza imperial da China, e aos ministros da corte. O termo surgiu impresso, provavelmente pela primeira vez, numa obra de Mateo Ricci (1953: 52)<sup>39</sup>. Tendo percebido isto, não é difícil explicar a questão da *língua mandarina*, já que sabemos da existência de uma grande variedade e complexidade de dialetos na China, tanto na antiga China como nos nossos dias, pelo que era mesmo precisa uma espécie de língua franca para que todas as pessoas do funcionalismo imperial pudessem comunicar.

Outro aspeto interessante a tratar nesta frase é a escolha dos termos chineses correspondentes aos termos *Mandarina* e *China*. Como já tive ocasião de referir, a variação não apenas acontece nas línguas identificadas em português, mas também no chinês. O curioso é a escolha do autor do termo chinês *zhongguo* (China) como alternativa do termo chinês *manzhou* (Manchu), já que são, na verdade, dois grupos de etnia diferente.

Ainda surge uma pequena variação entre o termo *mandarina* utilizado no manuscrito e o mesmo termo publicado na *Arte China*; o primeiro identifica a língua dos *manzhou* (Manchu) e o outro refere o *guanhua* ou língua oficial dos homens da corte imperial. Então, por que é que o Padre Gonçalves colocou *mandarina* no manuscrito para corresponder ao termo *manzhou*? Qual a ligação entre eles? Houve quem defendesse que a origem do termo *mandarim* tinha alguma ligação com a etnia Man, mas sabemos que não é assim, visto que, como anteriormente referimos, o termo tinha já uma história que remonta a 1617, e foi mais tarde introduzido na China pelos Portugueses. Apesar de a etnia Man não ter tido nenhuma relação com a origem desse termo, apresenta sim alguma influência no desenvolvimento do *mandarim* como

---

<sup>38</sup> <http://www.ekamus.info/index.php/term/1,11388.xhtml> (consultado a 15 de agosto de 2014)

<sup>39</sup> A obra *China in the Sixteenth Century: The Journals of Matthew Ricci* foi publicada na China durante o período da dinastia Ming, em 1617.

língua dos oficiais. Os manchus tinham o seu próprio sistema de escrita e língua manchu, como os chineses também tinham a sua própria língua. É claro que as línguas sofrem sempre influências no processo de realização de atividades comunicativas e discursivas. Quando as tropas dos Man entraram em Pequim e estabeleceram o seu império na capital, estas pessoas, que não falavam a mesma língua que se falava na região, tiveram que começar a estudar e aprender a língua e cultura do outro. No entanto, era óbvio que eles não apenas se adaptavam àquela sociedade cultural e civilizacional como também impunham sobre o povo chinês novas políticas sociais e culturais, fazendo uma fusão da cultura chinesa com a cultura que haviam trazido e influenciando a cultura dos chineses Han<sup>40</sup>. Desta maneira, os Manchus foram desenvolvendo uma cultura chinesa com estilo próprio, pelo que a língua oficial da corte sofreu também mudança ao longo dos tempos, adaptando certos aspetos fonéticos e fonológicos de natureza manchu. Portanto, o *guanhua* da dinastia Qing apresentava alguns aspetos linguísticos da língua dos Man. Provavelmente terá sido neste aspeto que se fundamentou o autor para relacionar o mandarim com a língua dos Man. Esta alternativa do autor para relacionar *Mandarina* com *manchu* é compreensível tendo em conta o contexto histórico, no período tardio da dinastia Qing, período em que o mandarim, provavelmente, já se tinha disseminado da corte imperial para a capital, chegando a ser usado pelo resto dos membros do território imperial. Inclusive, foi este *mandarim* da dinastia Qing que se tornou na base de desenvolvimento do mandarim atual.

A última frase destas duas sequências evidencia uma variação ainda mais curiosa. Em Barros e Ng (2014: 268) refere-se também esta variação: “...é extremamente curioso apreciar o raciocínio do autor entre este manuscrito e a obra publicada, já que nesta prefere indicar como mais difícil o mandarim (官話), enquanto no primeiro considera mais difícil o tártaro”. No caso do manuscrito, o autor referia-se a língua dos tártaros, isto é, a língua dos turcos e mongóis, enquanto na obra impressa muda a língua referida anteriormente para *Mandarina*, a língua falada pelos funcionários da

---

<sup>40</sup> De acordo com o *Cihai*, Han é chamado também como a etnia Han, sendo o principal grupo étnico no território chinês.

corte imperial.

Foi assim que se estabeleceram ligações entre o termo *mandarim* e os ministros ou *guans* (官, guān) da China. Surgiu então a língua franca dos oficiais, mais conhecida, conforme se regista em Luo Zhufeng (1989: 1394), como *guanhua*<sup>41</sup> (官話, guānhuà, traduzido literalmente como 'língua dos guan') ou *língua dos mandarins* na China. Tinha uma função parecida com a do *Putonghua* (普通話, pǔtōnghuà) ou *mandarim atual*. É deste ponto de vista que o autor coloca o termo *mandarina* como alternativa do termo chinês *guanhua* na segunda frase do segundo grupo.

Este conjunto apresenta ainda variação no raciocínio do autor. É curiosa a ideia de o autor mencionar na segunda frase do primeiro grupo que a (língua) *tartara* é mais difícil do que o *mandarim*, enquanto no outro grupo indica precisamente o contrário, o *mandarim* como mais difícil do que a (língua) *tartara occidental*. Quer se considere como mais difícil o mandarim ou o tártaro, o objetivo do autor não é mais do que apresentar aos estudantes exemplos de situações comunicativas.

19a	Fallando <u>Portuguez</u> passa por <u>Portuguez</u> .	他說西洋話。人拿他當西洋人	Manuscrito
-----	--	---------------	------------

A frase acima mantém-se escrita da mesma forma, tanto no manuscrito como na *Arte China*. Contudo, a variação ocorre no termo *portuguez*, correspondendo ao termo chinês *xiyanghua* (西洋話, xīyáng huà). Como já tive ocasião de referir anteriormente, os Chineses consideravam genericamente tudo o que ficava do lado ocidental da China como *xiyang* (西, xī, oeste; 洋, yáng, ocean; 西洋, xīyáng, 'oceano do ocidente'). Hoje ainda designam o oceano Atlântico como *daxiyang* (大西洋, dàxīyáng). Por outro lado, o próprio Joaquim Gonçalves explica o termo *portuguez* como 'tudo o que se relacionava com o oceano Atlântico'. Se olharmos para o nome do *Diccionario Portuguez-China*, vemos que o título chinês é *yanghan hezhui* (洋漢合字匯, yánghàn hé zihùi), enquanto o *Diccionario China-Portuguez* é *hanyang*

<sup>41</sup> O termo chinês *guanhua* (官話, guānhuà) é usado desde o período das dinastias Yuan (1271-1368) e Ming (1368-1644) para referir genericamente as línguas do norte da China, espalhadas e amplamente utilizadas pelo povo; inclusive, devido ao seu uso frequente pelos membros do funcionalismo imperial, atribuíram-lhe essa denominação.

*hedihui* (漢洋合字匯, hàn yáng hé zì huì); em ambos surge o carácter *yang* (洋, yáng, 'oceano'), adaptado ao significado de *ocidental*, *ultramarino*, *longe do mar*, etc. Aparentemente, o padre não estabeleceu nas suas obras qualquer diferença entre *portuguez* e *atlântico*, ou entre *portuguez* e *europa*. Nas tabelas abaixo apresentam-se todas as frases colhidas ao longo do manuscrito nas quais figuram os termos *portuguez* e *europa*:

#### Frases relacionadas com “portuguez” (manuscrito)

Eu sou <u>Portuguez</u> : e tu és China?	我是 <u>西洋人</u> 、你是中國人。
Chegou hum Navio <u>Portuguez</u> . Quem o disse?	有 <u>洋船</u> 來。誰說。
ainda m. <sup>mo</sup> Man xou, e o <u>Portuguez</u> ,	連 <u>滿洲西洋話</u>
Fallando <u>Portuguez</u> , passa por <u>Portuguez</u> .	他說 <u>西洋話</u> 。人拿他當 <u>西洋人</u>

#### Frases relacionadas com “Europa/europeu” no manuscrito:

Nada faço; mas p. <sup>a</sup> o anno heide ir p. <sup>a</sup> a <u>Europa</u> .	不做什么。等到明年要去 <u>大西洋</u> 。
Vem de Caza. Os costumes chinas são diversos dos <u>Europeus</u> .	從家裡來。中國于 <u>西洋</u> 風俗不同。
Nós estamos melhor, q' os <u>Europeus</u> ;	<u>西洋人</u> 不如我們
Entaõ melhores são os <u>Europeus</u> , e Tartaros,	這樣不如 <u>西洋字滿洲字</u>
Mas ou <u>Europeu</u> , ou Tartaro naõ	到氏一个 <u>西洋人滿洲人</u> 不
Sendo isto assim, a Literatura <u>Europea</u>	既然如此 <u>西洋</u> 全中國
O que hé, q' os Livros <u>Europeus</u> são mais faceis hum pouco de ler.	就是念 <u>西洋書</u> 容易念一點耳
Entaõ sempre os Livros <u>Europeus</u> são melhores hum pouco.	這樣說 <u>西洋書</u> 比中國書好一點
Hum <u>Europeu</u> vizita hum China.	<u>西洋人</u> 拜中國人
por isso os Chinas andaraõ ás pancadas com os Europeus.	因此中國人同 <u>西洋人</u> 打架
Mas os Magistrados <u>Europeus</u> naõ nos advertiraõ;	而 <u>洋</u> 官府沒有告訴我們
Eu som. <sup>te</sup> faço do tabaco sau <u>Europeo</u> ;	我单匕的把火烟做出來當 <u>洋烟</u>

O autor parece ter considerado *portuguez* e *européu/Europa* como termos sinónimos correspondentes ao termo chinês *xiyang*. Mas por que não usou a designação Portugal, ou seja *putaoya* (葡萄牙) nas suas obras? Yang Jibo (1999: 1) menciona que existiam registados nos livros escritos em chinês mais de 20 designações para designar Portugal<sup>42</sup>. Acrescenta Yang que, devido à política diplomática da China nas dinastias Ming e Qing, às grandes diferenças entre as culturas e as línguas ocidentais e orientais, e ainda à fraqueza dos conhecimentos geográficos, a denominação de *Portugal* nas obras chinesas oferece forte variação. Em muitas das obras escritas da dinastia Ming surgia o termo *folangji* (佛郎機, fólángjī) para designar os Portugueses. Conforme refere Dai Yixuan (1984), o termo provinha da palavra *franco*, usado primeiramente pelos árabes, turcos e outras etnias orientais, e de carácter pejorativo, para chamar genericamente aos europeus, sobretudo no sentido de europeus católicos, já que foram os Francos que fizeram guerras nas terras islâmicas. Acrescenta Dai Yixuan que a utilização do termo *folangji* para denominar os Portugueses aconteceu devido ao contacto dos chineses com muçulmanos do Mar da China Meridional no sudeste asiático, provavelmente tem sido transmitido através dos malacos. Entretanto, *Xiyang* ou *Daxiyang* eram também designações para Portugal, assim como figuram nas duas obras do P.<sup>e</sup> Joaquim Gonçalves referidas no presente trabalho, o manuscrito e a *Arte China*. Era uma altura em que ainda não tinha surgido o termo chinês *putaoya* (葡萄牙, pútáoyá), ou então, o autor não tinha ainda adotado a designação nas suas obras, já que, na altura, não existia ainda qualquer uniformização oficial de nomes para países e territórios estrangeiros.

---

<sup>42</sup> Yang Boji refere que, nas obras escritas em língua chinesa, é possível encontrar diversas maneiras de chamar Portugal, como *Folangji* (佛郎機, fóláng jī), *Pudouljia* (蒲都麗家, pú dōu lì jiā), *Luxidani* (盧西達尼, lú xī dá ní), *Daxiyang* (大西洋, dàxīyáng), *Xiyang* (西洋, xīyáng), *Budaoni* (捕道倪, bǔ dào ní), *Boerdugaya* (博爾都噶啞, bó ěr dū gá yǎ), *Boerdouqi* (波耳都欺, bō ěr dōu qī), *Buluya* (布路亞, bù lù yà), *Putaoya* (葡萄牙, pútáoyá), etc.



## 2. Frases com variação a nível morfológico e sintático

20.1	Eu cumpro a obrigação de o ensinar; porem não sei se se <u>fará gente</u> ;	我盡本分教訓他到氏 定不得他 <u>後來成人不 成人</u> [145v]	Manuscrito
20.2	Eu cumpro a obrigação de o ensinar; porem não sei se <u>sahira capaz</u> .	我盡本分教訓他到底 定不得他 <u>後來成人不 成人</u> [291]	<i>Arte China</i>

Como referimos no início deste capítulo, é possível encontrar também entre as duas obras em estudo casos de variação a nível morfossintático. No presente par de sequências, a variação acontece na expressão *se fará gente* (*fazer-se gente*) e *sahira capaz* (*sair capaz*, ou seja, *revelar-se capaz*, *tornar-se capaz*). Em Barros e Ng (2014: 381) indica-se o seguinte a esse respeito: “embora textualmente igual em chinês (com o sentido de 'vir a ser uma pessoa válida'), o texto português oferece, nas duas obras, alternativas semanticamente aproximadas mas lexicalmente distintas”. O substantivo chinês *chengren* (成人, literalmente 'homem adulto'), segundo Luo Zhufeng (1990: 191), possui sobretudo dois significados, o primeiro refere 'uma pessoa que possui valores éticos e talento', o segundo diz normalmente respeito a 'uma pessoa que já atingiu idade e capacidades para ser um adulto', e ainda uma aceção que traduz a ideia de 'homem realizado e bem estabelecido na sociedade'. O sentido desta designação é similar ao da expressão chinesa *zhangdachengren* (長大成人, literalmente 'crescer e tornar-se homem'), muito repetida pelos pais como futura expectativa para com os filhos, e que se pode traduzir literalmente como 'transformar-se numa pessoa adulta quer física quer psicologicamente, desenvolvendo capacidades para se estabelecer na sociedade'. O autor volta a exprimir esta ideia no *Dicionário Portuguez-China*, como *fazer-lo gente* (Gonçalves, 1831: s.v. **gente**).

21.1	No meu lugar há hum home' <u>pessimo</u> ;	在我院有一个 <u>狠不好</u> 人 [123v]	Manuscrito
21.2	Pois no meu bêco ha hum homem, <u>com quem me não dou</u>	在我院有一个人我同 <u>他不對</u> [275]	<i>Arte China</i>

Neste par de frases, tal como se refere em Barros e Ng (2014: 344-345), existe variação a nível lexical e morfossintático, sendo curioso o autor utilizar no manuscrito o substantivo *lugar*, sem dissimilação, eventualmente por gralha, mas podendo também ser intencional, já que deriva do latim *locale* (com dissimilação, *lugar*), o que difere da *Arte China*, onde se lê um substantivo mais específico, *beco*. O primeiro caso de variação acontece entre os substantivos *lugar/lugar* e *bêco*, referindo o primeiro, como explica Bluteau (1716: 199; 1712: 82), "o espaço em que se compreende hum corpo natural, ou a superfície que o cerca", enquanto *beco* designa 'uma rua muito estreita e fechada numa das extremidades', sendo relativamente mais concreto do que o primeiro substantivo. Por outro lado, na frase em chinês corresponde ao carácter *yuan* (院, *yuàn*) ou *yuanzi* (院子, *yuànzi*), que representa um 'espaço cercado por paredes', normalmente o pátio de uma casa. Nas duas obras surge ainda outro caso de variação muito semelhante a este, conforme pode ver-se nas frases 21a e 21b, registadas na tabela abaixo. Trata-se, mais uma vez, da variação entre os substantivos *lugar* e *rua*, registados como alternativa dentro de uma mesma frase, enquanto na outra frase se prefere outro substantivo, *pateo*, que não figura na frase em português de 21.1 e 21.2, mas sim no conteúdo da frase em chinês. A frase 21b, como foi comentada em Barros e Ng (2014: 373), oferece uma ideia mais límpida em comparação com a 21a, uma vez que o significado do substantivo *pateo* e o da designação em chinês, *yuanzi* (院子, 'pátio'), são mais aproximados:

21a	Hua' vez hum ladraõ nocturno saltou do muro abaixo p. <sup>a</sup> a <u>rua</u> o <u>lugar</u> ;	有一次一个黑千賊夜賊從 牆上跳在院子裡 [141v]	Manuscrito
21b	Hum dia hum ladraõ nocturno saltou do muro a baixo para o meu <u>pateo</u> ,	有一次一个黑千賊↓夜賊 從牆上跳在院子裡 [288]	<i>Arte China</i>

O segundo aspeto da variação no par de frases do quadro anterior (21.1 e 21.2) surge entre a forma do adjetivo *mau* no grau superlativo absoluto sintético, *pessimo*, e uma oração relativa, *com quem me não dou*. Ao mesmo tempo, na frase em chinês surge variação muito similar ao das frases em português, no manuscrito com a designação *hen buhao* (狠不好, hěn bù hǎo, literalmente 'muito má') para descrever a pessoa referida, e na obra impressa com uma oração que expressa literalmente *eu e ele não estamos bem* ou *não nos damos bem*. O conteúdo semântico desta parte das frases 21.1 e 21.2, seja em português seja em chinês, diferencia-se, dado que uma descreve a qualidade do homem como "pessimo" e a outra descreve a relação entre as duas pessoas como "com quem não me dou".

22.1	Ora <u>está boa impertinencia!</u> Sim.	噯呀囉唆 [(89v)]	Manuscrito
22.2	Ora <u>isto é inaturável: ja he de mais, ja he menos;</u>	噯呀 <u>這個那裡受得、又嫌長又嫌短</u> [255]	<i>Arte China</i>

No grupo de frases, encontramos um caso especial de variação, a qual foi comentada em Barros e Ng (2014: 285), indicando-se que a formulação das frases é totalmente diferente. De facto, as frases 22.1 e 22.2 diferem completamente em termos de formulação, embora o seu sentido seja pragmaticamente similar, na sua parte inicial, quer em português quer em chinês. Na frase 22.1, em chinês, surge a expressão *luosuo* (囉唆, luōsuō, literalmente 'impertinências, prolixidade'), usada normalmente para descrever uma pessoa muito faladora, produzindo maioritariamente palavras ou argumentos prolixos. Contudo, a frase na *Arte China* é mais extensa, inclusive apresenta um sentido mais pejorativo quanto ao sujeito, através da expressão *nali shoude* (literalmente 'como aguentar, como resistir'), que corresponde ao adjetivo *inaturável*, e ainda duas designações: *xianchang* (嫌長, literalmente 'suspeitar que é comprido') e *xianduan* (嫌短, literalmente 'suspeitar que é curto'), os quais juntos traduzem o significado de 'criticar demasiado'. Portanto, o autor manteve esta diferença no conteúdo das duas frases, pelo que a sua formulação apresenta essa forte

divergência.

23.1	<p><u>No tempo da secca</u></p> <p>Eu <u>tirei</u> agoa do campo vizinho p.<sup>a</sup> o meu;</p> <p>por q' a <u>minha possã</u> não tinha agoa:</p>	<p><u>天旱的時節</u></p> <p>我把別人田裡的水放在我田裡</p> <p>因我塘沒水 [122]</p>	Manuscrito
23.2	<p>Nós nas <u>nossas póças</u> temos pouca agoa, <u>no tempo da sêca</u>, <u>he difficil regar</u>: eu <u>huma vez tornei</u> a agoa do campo visinho para o meu</p>	<p>我們那裡塘裡水少<u>天旱的時節</u>難澆水, 我<u>有一次</u>把別人田裡的水放在我田裡 [275]</p>	<i>Arte China</i>

Eis aqui um caso em que a ordem das frases e orações muda consideravelmente no manuscrito e na *Arte China*. Neste caso, conforme se comenta em Barros e Ng (2014: 342-343), a variação acontece ainda a nível morfossintático e lexical, apresentando-se explicações detalhadas a esse respeito. Em primeiro lugar, do manuscrito para o impresso, a frase composta (por oração subordinante e oração subordinada causal) passou para uma sequência de três frases. Por outro lado, a ordem das orações muda, tanto na frase chinesa como na portuguesa. No manuscrito, o sintagma preposicional *no tempo da secca*, com a função de complemento circunstancial de tempo, fornece informação temporal acerca da ação expressa pelo verbo da oração principal, a que pertence: *Eu tirei agoa do campo vizinho p.<sup>a</sup> o meu*, enquanto na *Arte China* acompanha outra oração/frase: *he difficil regar*. Para além disso, a oração *Eu tirei agoa do campo vizinho p.<sup>a</sup> o meu* não é a primeira frase, mas a última, no impresso, oferecendo ainda variação lexical, entre os verbos *tirar-tirei* e *tornar-tornei*. No impresso, o autor preocupou-se em manter na mesma ordem as frases em chinês e em português, assim como as informações detalhadas acrescentadas nas frases em chinês.

24.1	Tem <u>8. decimos de probabilidad.</u> <sup>e</sup>	十分有八分是真的。 [10v]	Manuscrito
24.2	<u>Parece ser</u> verd. <sup>e</sup>	相似是真的。 [10v]	Manuscrito

O autor não apenas variou na escolha do léxico e na formulação morfossintática e sintática, entre o manuscrito e a *Arte China*, mas ainda apresenta variação dentro de uma mesma obra. No caso que analisamos a seguir, trata-se de frases com variação dentro do manuscrito.

Esta frase abaixo expressa uma ideia de probabilidade ou incerteza sobre a verdade. Na frase com a expressão “8 decimos de probabilidade”, atribui-se uma medida para avaliar a verdade ou a possibilidade de algo estar correto, que terá um máximo de 10 graus, atingindo este assunto apenas 8, pelo que não é exatamente verdade, ou provável. A segunda frase é mais curta, caracteriza-se pelo verbo *parecer*; *que indicia também algum grau de incerteza*, seguido de oração infinitiva, com o verbo *ser* no infinitivo, outro modo, portanto, de introduzir alguma dúvida e afirmar uma probabilidade.

## Conclusão

Encerrado o capítulo terceiro, podemos concluir que existe uma variedade de casos de variação entre os textos da *Arte China* e do manuscrito do Padre Joaquim Gonçalves. Neste trabalho foram apenas tratados alguns desses casos de variação. Embora não tenha sido objetivo de Joaquim Gonçalves, enquanto professor, apresentar esses casos aos seus estudantes, é interessante fazer o estudo dessas diferenças variacionais, já que sabemos que é possível expressar uma mesma ideia através de diferentes formulações frásicas, e que, por outro lado, estudantes de língua estrangeira devem compreendê-lo.

A elaboração do presente trabalho centrou-se na análise de casos de variação presentes nas frases em português e em chinês, coligidas nas duas obras do padre lazarista. Como vimos ao longo do capítulo III, a principal tarefa de que nos ocupámos foi a de identificar e analisar a variação existente entre duas formulações sinónimas ou de conteúdo pragmático sinónimo.

Depois de termos realizado a análise das frases, foi possível observar que a variação acontece muitas vezes pela substituição de um termo por outro, ou então por uma expressão, ou seja, a nível lexical, como no caso das frases 3.1 e 3.2, 8.1 e 8.2, 9.1 e 9.2, 11.1 e 11.2, 15.1 e 15.2, etc. Noutros casos, a variação acontece entre um termo e uma oração ou uma oração e outra oração sinónima, ou seja, a nível morfossintático, ou sintático e morfossintático, como as frases 20.1 e 20.2, 21.1 e 21.2, etc., e ainda a nível sintático, como nas frases 23.1 e 23.2.

Em primeiro lugar, a variação acontece quando uma ideia pode ser expressa através de termos sinónimos ou formulações sinónimas, porém, na análise anterior foi possível observar que, em alguns casos, esses grupos de termos nem sempre são alternativos uns em relação aos outros, como na frases 2.1 e 2.2 em português; ou uma formulação nem sempre é sinónima de outra, como nos pares de frases 20.1-20.2 e 21.1-21.2, em português e chinês. Ou seja, as alternativas são apenas semanticamente aproximadas, como acontece no par de frases 20.1 e 20.2 em português; ou então,

apresentam-se-nos alternativas em termos pragmáticos, ou de uso, tendo em conta o contexto cultural, como no caso dos pares de frases 12.1-12.2 e 13.1-13.2 em português, e das frases 22.1-22.2 e 24.1-24.2, em português e chinês.

Em segundo lugar, no tocante à variação a nível lexical, esta acontece, por vezes, quando o autor opta por um termo mais específico ou mais apropriado do que outro, como no caso das frases 16.1 e 16.2, em que o termo muda tanto em português como em chinês. Por outro lado, encontramos casos em que o autor ainda inclui termos sinónimos alternativos dentro de uma mesma frase e obra, como no tocante aos pares de frases 10.1-10.2, em chinês, e dos pares de frases 7.1-7.2 e 14.1-14.2, tanto em português como em chinês.

Em terceiro lugar, através da leitura do manuscrito, que se pode subentender que servisse para o ensino aprendizagem da língua chinesa, acreditamos que foram escritas primeiramente as frases da coluna da direita, ou seja, em língua chinesa, pelo que a formulação das frases da esquerda, ou seja, em língua portuguesa, poderá haver sofrido algumas influências da língua chinesa. Provavelmente, tendo percebido esta situação, o autor, na preparação da gramática impressa, em alguns casos, opta por um formulação sinónima alternativa, sentindo-se já menos preso à formulação em língua chinesa (ex.: as frases 17.1 e 17.2 em português).

Em quarto lugar, como se trata de duas obras usadas para o ensino da língua chinesa por parte de estudantes falantes do português, ou de outra língua europeia, a variação pode acontecer pela diversidade dos aspetos culturais, isto é, quando uma tradição, mentalidade, superstição, crença, etc., difere num dado contexto. Como exemplo disso podemos referir o caso do par de frases 4.1-4.2, em que se observa variação entre os termos 'pestanas' e 'olhos', já que se trata de um movimento inconsciente dos olhos. Outros casos figuram nas frases 6.1-6.2, 11.1-11.2 e 12.1-12.2, em português. Outro aspeto interessante encontrado neste grupo tem a ver com a existência de um termo mais geral (hiperónimo), originado na própria cultura, e um termo mais específico (hipónimo), derivado de outra cultura para referir um mesmo objeto ou conceito, como nos casos de 'acharoadado/envernizado' (frases 1.1-1.2) e 'pagode/templo' (frases 5.1-5.2).

Por último, ainda conseguimos descobrir aspetos relacionados com a mudança, em termos que revelam alguma variação entre as duas obras, mudança essa que foi acontecendo ao longo dos anos. Aqui podemos referir os termos *portuguez* ou *Portugal*, cujos equivalentes na língua chinesa têm mudado a partir do primeiro contacto dos Portugueses até hoje. Observa-se o uso de *daxiyang* e *xiyang*, tendo em conta a localização geográfica ('do Oceano Atlântico'), como surge nos pares de frases 18.1-18.2 e 19.1-19.2; além disso, também se usou *folanji*, relacionando os Portugueses com os Francos, e ainda *pudouljia* e *boerdugaya*, com base na transcrição fonética de *Portugal*, tal como *putaoya*, o nome usado na atualidade. Um semelhante de variação e mudança aconteceu com a passagem da designação *man xou* para *tártaro* e *tártara ocidental*, sendo atualmente *manchu* (por ex., nos pares de frases 18.1-18.2 e 19.1-19.2).

Tendo estas obras sido compostas no século XIX, a língua apresenta já alguma diferença variacional em relação àquela que praticamos hoje em dia, seja no que concerne ao português seja ao chinês, tendo sido esta uma grande dificuldade que enfrentei durante o meu estudo, sobretudo no tocante a algumas das frases em língua portuguesa. Por exemplo, em alguns casos de variação, o significado do vocábulo difere do significado atual, como no caso dos vocábulos em chinês 老鴉 (*lǎoyā*, literalmente 'corvo velho') e 老鸛 (*lǎo guàn*, literalmente 'cegonha velha'), correspondendo a 'corvo', mas sendo 老鸛 utilizado nos dias de hoje com o significado de 'cegonha' (frases 4.1-4.2, em chinês), e ainda no caso do vocábulo 蓍蓍 (*mùxu*), correspondendo em português a 'herva molar', quando atualmente este vocábulo chinês se refere a uma planta chamada *alfafa* (frases 9.1-9.2). Espero poder futuramente vir a aprofundar e desenvolver estas e outras questões relacionadas com o aspeto da variação entre a língua oitocentista presente nessas obras e a língua atual.

Finalmente, podemos concluir através deste estudo que, embora se trate de duas obras didáticas, um caderno manuscrito e uma gramática e manual livro para a descrição e ensino do chinês, com alguns conteúdos semelhantes, elaboradas por um mesmo autor e destinadas a um público de carácter similar, dedicado a estudar a língua chinesa, o padre Joaquim Gonçalves não se satisfaz em usar uma só formulação para



compor os seus conteúdos de ensino, optando, de vez em quando, por apresentar várias alternativas sinónimas. Mesmo que não tivesse sido objetivo do missionário o estudar situações de variação com os seus alunos, estas alternativas expostas nas obras podiam ajudar o professor e facilitar o seu ensino, enquanto o aluno aproveitava para reunir ainda mais conhecimento. Isto pode explicar-se se tivermos em atenção que estas obras eram usadas como suporte para o ensino e aprendizagem da língua chinesa, seja por parte dos alunos seja de outros professores.

Creio que fica bem patente neste estudo que é ampla a variação linguística nestas obras didáticas do padre lazarista, surgindo quer a nível fonético, quer lexical, morfológico, morfossintático ou sintático, ainda que não tenhamos podido debruçar-nos sobre todos estes subcódigos linguísticos no âmbito deste trabalho, o que procuraremos fazer em trabalho futuro, centrando-nos essencialmente, tal como aqui procurámos fazer, nos casos que envolvem aspetos interculturais, históricos ou socioculturais, entre o português e o chinês. Por outro lado, tornou-se fácil verificar que qualquer dessas línguas possui enorme flexibilidade, inclusivamente quando estabelecem contacto com outras culturas, sendo capazes de expressar uma mesma ideia através de várias formulações sinónimas. A cultura que cada uma dessas línguas encerra exige, contudo, estudos aprofundados para que essa variação seja amplamente compreendida. Foi essa a nossa principal preocupação: investigar mais a fundo os aspetos interculturais, históricos, sociais, que estão na base de alguma dessa riqueza variacional.

# ANEXO

## Frases analisadas

1.1	há 5. ou 6. catres, huns <u>acharoados</u> , outros de bambú, outros de rota, q' tem esteiras, e traveceiros	床有 <u>上漆</u> 的有竹的有籐的五六張 <u>上頭</u> 毯子枕頭全有 [92v]	Manuscrito
1.2	ha cinco, ou seis catres, huns <u>envernizados</u> , outros de bambú, e outros de rota, que tem esteiras, e travesseiros	床有 <u>上漆</u> 的有竹的有籐的五六張毯子枕頭全有 [257]	<i>Arte China</i>
2.1	O que mentiu hua' vez, fica <u>desacreditado</u> .	一个人撒了一次 <u>谎</u> 丢了臉. [33v]	Manuscrito
2.2	O mentir he <u>desairoso</u> ao homem.	凡人撒 <u>谎</u> 就丢了臉 [217]	<i>Arte China</i>
3.1	Espetar na porta <u>linho</u>	門上插 <u>芝麻</u> 楷耳 [160v]	Manuscrito
3.2	Espetar na porta alguns pés de <u>gergelim</u>	門上插 <u>芝麻</u> 楷兒 [300]	<i>Arte China</i>
4.1	<u>O cantar do Corvo</u> , e da Pega, o calor das orelhas, o saltar das <u>pestanas</u> , dizem, q' saõ maos agouros.	<u>老鴉</u> 叫喜鵲叫耳朵熱眼跳都是不好的先兆 [160v]	Manuscrito
4.2	<u>O cantar do côrvo</u> , e da pêga, o calor das orelhas, e saltar dos <u>olhos</u> , dizem, que saõ maos agouros.	<u>老鸛</u> 叫喜鵲叫耳朵熱眼跳都是不好的先兆 [299]	<i>Arte China</i>
5.1	Hontem houve festa no <u>pagode</u>	昨日在廟裡作會 [159v]	Manuscrito
5.2	Hontem houve festa no <u>templo</u>	昨日在廟裡作會 [299]	<i>Arte China</i>
6.1	prohibilhe o venerar o <u>Deos da Riqueza</u>	我禁止他恭敬 <u>財神</u> [145]	Manuscrito
6.2	prohibi-lhe o venerar o <u>genio das riquezas</u>	我禁止他恭敬 <u>財神</u> [290]	<i>Arte China</i>
7.1	Hua pessoa, q̃ tem coração p. <sup>a</sup> matar os filhos, naõ hé homem, hé pior que <u>os brutos</u> , e feras...	一个人忍心殺自己的兒女不單算不得人連牲口禽獸也不如 [148v]	Manuscrito

7.2	huma pessoa, que tem coração para matar os filhos, não he homem, he pior, que <u>os animaes</u> , e feras...	一个人忍心殺自己的兒女不單算不得人連牲口禽獸也不如 [293]	<i>Arte China</i>
8.1	Tenho hum <u>creado de Caza macho</u> , cuida de dentro, e de fora de Caza, acarreta agoa, e lenha, <u>sega erva</u> , dá de comer aos cavalos	有一房家人男的打裏照外挑水搬柴割草喂馬 [146]	Manuscrito
8.2	Tenho hum <u>casal</u> , o <u>macho</u> cuida de dentro, e de fora da casa, acarreta água, e lenha, <u>corta palha</u> , dá de comer aos cavallos	有一房家人男的打裏照外挑水搬柴割草喂馬 [291]	<i>Arte China</i>
9.1	Este anno ha de haver <u>m.<sup>to</sup> feno</u> . Depois de <u>ceifado</u> , ainda hade tornar a arrebentar.	今年該當有許多的苜蓿 砍他一次還要發芽 [50]	Manuscrito
9.2	Este anno ha de haver <u>muita herva molar</u> ; depois de <u>segada</u> ainda ha de tornar a rebentar.	今年該當有許多的苜蓿草 砍他一次還要發芽 [229]	<i>Arte China</i>
10.1	Naõ hás de ter hum <u>amor dezordenado a hum</u> , e maltratar os outros	你不要有偏情偏向愛一個苛刻別的 [146]	Manuscrito
10.2	Naõ has de ter <u>paixão por hum</u> , e maltratar a outros	你不要有偏情偏向愛一個苛刻別的 [291]	<i>Arte China</i>
11.1	Elle quer <u>Botaõ</u> , e diz, q' os Pais não tem animo p. <sup>a</sup> gastar alg. <sup>s</sup> taés: p. <sup>a</sup> obter hum <u>officio de Titulo</u> ; q̃ não cuida da honra da sua caza.	他要頂帶說父母捨不得幾兩銀子納一個監不過自己家裡體面 [158]	Manuscrito
11.2	quer <u>remate</u> (habito), e diz, que os pais não tem animo para gastar alguns taes, para obter hum <u>officio honorário</u> ; que não cuida da honra da sua casa.	要頂戴說父母捨不得幾兩銀子納一個監不顧自己家裡體面 [298]	<i>Arte China</i>
12.1	Aqui esta <u>chili</u> .	這裡有鹹菜 [79]	Manuscrito
12.2	Aqui estão <u>hervas salgadas</u> .	這裡有鹹菜 [248]	<i>Arte China</i>
13.1	Vestem se grosseiram. <sup>te</sup> , e <u>a sua comida hé</u>	穿粗布的衣裳 吃家常飯	Manuscrito

	<u>arroz</u>	[146v]	
13.2	vestem-se grosseiramente, e a sua comida he <u>ordinaria</u> .	穿粗布的衣裳吃家常飯 [291]	<i>Arte China</i>
14.1	O Homem naõ deve andar buscando a <u>felicid.<sup>c</sup> de couzas caducas</u> :	人不該圖暫時的 <u>安逸受用</u> [155v]	Manuscrito
14.2	O homem naõ deve andar buscando o <u>transitorio socego, os deleites, gôzos, e a vontade do corpo</u>	人不該圖暫時的 <u>安逸快樂受用</u> 肉身的自在 [296]	<i>Arte China</i>
15.1	A cada hum <u>dizimo</u> hum, ou dois condrens	每一个人扣他一二分 [119]	Manuscrito
15.2	a cada hum <u>siso</u> hum, ou dois condrens.	每一个工克扣他一二分 [272]	<i>Arte China</i>
16.1	A mulher havia de <u>affogar</u> a menina	想不到婦人把女兒 <u>吻</u> 死了 [148]	Manuscrito
16.2	A mulher havia de <u>suffocar</u> a menina	想不到婦人把女兒 <u>杜</u> 死了 [292]	<i>Arte China</i>
17.1	Elle falla <u>m.<sup>to</sup> bem</u> . Elle sabe fallar Pekim, Nam Kim, <u>Fokien</u> , Cantaõ, <u>Hu Kuam</u> , a lingua de cada <u>Prov.<sup>a</sup></u>	他狠有本事說話 北京南京 <u>福建廣東湖廣</u> 各省 的話都會說 [94v]	Manuscrito
17.2	Elle falla <u>muito bem</u> : sabe fallar a língua de Pekim, <u>Fukien</u> , <u>Hucuam</u> , de todas as <u>provincias</u> ;	他狠有本事說話 北京 <u>福建湖廣</u> 各省的話都會 說 [259]	<i>Arte China</i>
18.1	<u>ainda m.<sup>mo</sup> Man xou</u> , e o Portuguez, falla-o <u>lindam.<sup>te</sup></u>	連滿洲西洋話他都說的狠清 楚 [95]	Manuscrito
18.2	<u>até o Tártaro</u> , e o Portuguez, falla-os <u>correntemente</u> .	連滿洲西洋話他都說狠的快 [259]	<i>Arte China</i>
19.1	Digame, qual das duas linguas hé mais deficil a <u>Mandarina</u> , ou a <u>Tartara</u> ? Naõ me atrevo a decedir: Porem suspeito, q'	請問 <u>滿洲</u> 韃子兩樣的話那樣 費事 不敢說一定到氏我估量 <u>韃子</u>	Manuscrito

	a <u>Tartara</u> hé mais difficil.	費事 [82]	
19.2	Diga-me qual das duas linguas he mais difficil, a <u>China</u> , ou a <u>Tártara occidental</u> ? Não me atrêvo a decidir: porem suspeito, que a <u>Mandarina</u> he mais difficil.	請問 <u>中國</u> 韃子兩樣的話那樣費事 不敢說一定到底我佑量 <u>官話</u> 費事 [250]	<i>Arte China</i>
20.1	Eu cumpro a obrigaçã de o ensinar; porem não sei se se <u>fará gente</u> ;	我盡本分教訓他到氏定不得 他 <u>後來成人不成人</u> [145v]	Manuscrito
20.2	Eu cumpro a obrigaçã de o ensinar; porem não sei se <u>sahira capaz</u> .	我盡本分教訓他到底定不得 他 <u>後來成人不成人</u> [291]	<i>Arte China</i>
21.1	No meu lugal há hum home' <u>pessimo</u> ;	在我院有一个 <u>狠不好人</u> [123v]	Manuscrito
21.2	Pois no meu bêco ha hum homem, <u>com quem me não dou</u>	在我院有一个人 <u>我同他不對</u> [275]	<i>Arte China</i>
22.1	Ora <u>está boa impertinencia!</u> Sim.	噯呀囉唆 [89v]	Manuscrito
22.2	Ora <u>isto é inaturável: ja he de mais, ja he menos</u> ;	噯呀 <u>這個那裡受得、又嫌長又嫌短</u> [255]	<i>Arte China</i>
23.1	<u>No tempo da secca</u> Eu <u>tirei</u> agoa do campo vizinho p. <sup>a</sup> o meu; por q' a <u>minha possa</u> não tinha agoa:	<u>天旱的時節</u> 我把別人田裡的水放在我田裡 因我塘沒水 [122]	Manuscrito
23.2	Nós nas <u>nossas póças</u> temos pouca agoa, <u>no tempo da sêca, he difficil regar</u> : eu <u>huma vez tornei</u> a agoa do campo visinho para o meu	我們那裡塘裡水少 <u>天旱的時節</u> 難澆水、我有一次把別人田裡的水放在我田裡 [275]	<i>Arte China</i>
24.1	Tem 8. <u>decimos de probabilidad.</u> <sup>c</sup>	十分有八分是真的。 [10v]	Manuscrito
24.2	<u>Parece ser verd.</u> <sup>c</sup>	相似是真的。 [10v]	Manuscrito

## Referências bibliográficas

- Aresta, António (2000), "Joaquim Afonso Gonçalves – Professor e Sinólogo", in *Administração* nº 48, vol. 2 do ano e vol. XIII total, pp. 677-683. António Aresta, 《若亚·敬亚礼·素江沙维士——教授兼汉学家》，《行政》第十三卷，总第四十八期，2000, n.º 2, pp. 501-506.
- Bagno, Marcos (2007), *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*, São Paulo: Parábola Editorial.
- Bai Wanru 白宛如 (2003), 《廣州方言詞典》，南京，江蘇教育出版社。 [*Dicionário da Língua Cantonese*, Nanjing: Jiangsu Education Publishing House.]
- Barros, A. & Ng Cen, A. (2014), *Gramática e Diálogos em Português e Chinês: Um Manuscrito Inédito do P.º Joaquim Gonçalves*, Introdução e Edição crítica de Anabela Leal de Barros, com transcrição dos caracteres chineses por Ana Ng Cen, V.N. de Famalicão: Edições Húmus e Instituto Confúcio.
- Barros, Anabela (2012), "Um contributo manuscrito de D. Francisco de Portugal para a descrição do português setecentista", *Diacrítica* 26/1, Braga: Húmus e CEHUM, pp. 35-62.
- Barros, Anabela (2014), "Referências interculturais oitocentistas nas obras metalinguísticas em português e chinês do P.e Joaquim Gonçalves", *Diacrítica* 28/1, Braga: Húmus e CEHUM, pp. 103-139.
- Batalha, Graciette (1983), "Situação e perspectivas do Português e dos Crioulos de origem portuguesa na Ásia Oriental (Macau, Hong Kong, Malaca, Singapura, Indonésia)", in *Congresso Sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo, Lisboa, 1983*, Actas, vol. I, 2ª edição, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, pp. 287-303.
- Baxter, A. N. (1990), "Some observations on verb serialization in Malacca Creole Portuguese", in *Boletim de Filologia*, vol. 31, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, pp. 161-184.
- Bechara, Evanildo (2003), *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ª edição revista e

- ampliada, Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- Beline, Ronald (2003), "A variação Linguística", in *Introdução à linguística: I. Objetos teóricos*, São Paulo: Contexto, pp. 121-141.
- Biber, D. (1995), *Dimensions of register variation: A cross-linguistic comparison*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Bluteau, Raphael (1712-1721), *Vocabulário Portuguez, e Latino...: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latinos...*, vols. I, II (1712), III e IV (1713), Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu; vols. V (1716), VI, VII (1720) e VIII (1721), Lisboa: Pascoal da Sylva.
- Brandt, J. Van Den (1936), *Les Lazaristes en Chine 1697-1935*, Pei-P'ing Imprimerie des Lazaristes. Traduzido por Geng Sheng em chinês (2010), 方立中, 《1697-1935 年在华遣使会士列传》, 广西师范大学出版社, 2010.
- Castro, Ivo (1991), *Curso de história da língua portuguesa*, Lisboa: Universidade Aberta.
- Charpentier, Jean-Michel (1992), "La survivance du creole portugais "makaísta" en Extrême-Orient", in *Actas do Colóquio sobre "Crioulos de Base Lexical Portuguesa"*, Lisboa: Edições Colibri, pp. 81-95.
- Costa, J. Almeida & Melo, A. Sampaio e (1998), *Dicionário da Língua Portuguesa*, 8ª edição, Porto: Porto Editora.
- Cunha, Celso & Cintra, Luís F. Lindley (2000), *Nova gramática do português contemporâneo*, 16ª edição, Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Dai Yixuan 戴裔焯 (1984), 《明史·佛朗机传》笺正, 北京, 中国社会科学出版社。 [*História da Dinastia Ming: Biografia dos Francos*, Pequim: China Social Sciences Press.]
- Dalgado, Sebastião Rodolfo (1919), *Glossário luso-asiático*, vol. I. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Ding Shiliang & Zhao Fang 丁世良, 赵放 (1991), 《中国地方志民俗资料汇编·中南卷》, 北京图书馆出版社。 [*Coleção de crónicas regionais sobre tradições na China: Centro-Sul*, Pequim: Beijing Library Press.]
- Dubois, Jean (2007), *Dicionário de lingüística*, São Paulo: Editora Cultrix.

- Fleming, Peter (1999), *News from Tartary: a journey from Peking to Kashmir*, Evanston: The Marlboro Press/Northwestern; Northwestern University Press.
- Fonte, Barroso da (1998), *Dicionário dos mais ilustres Transmontanos e Alto Durienses*, vol. I, Guimarães: Editora Cidade Berço.
- Gil, Isabel Teresa Morais (2003), "Algumas considerações sobre línguas de especialidade e seus processos lexicogênicos", in *Máthesis*, N° 12(2003), pp. 113-130.
- Gonçalves, Joaquim (1829), 法文字漢 [atualmente 漢字文法] / *Arte China / constante de /Alphabeto e Grammatica / Compreendendo Modelos das Diferentes Composições* / composta por J.[oaquim] A.[fonso] Gonçalves / Sacerdote da Congregação da Missão. / Impressa com Licença Regia / No Real Collegio de S. Jose. / Macao. / Anno de 1829.
- Gonçalves, Joaquim (1831), 洋漢合字匯 (yánghàn hé zìhuì), *Diccionario / Portuguez-China / No estilo vulgar Mandarim e Classico Geral / Composto Por / J. A. Gonçalves. / Sacerdote da Congregação da Missão. / M.R.S.A. / Impresso Com Licença Regia No Real Collegio de S. Jose. / Macao. / Anno de 1831.*
- Gonçalves, Joaquim (1833), 漢洋合字匯 (hànyáng hé zìhuì) *Diccionario / China-Portuguez / composto por J. A. Gonçalves. Sacerdote da Congregação da Missão. M.R.S.A. Impresso com Licença Regia no Real Collegio de S. Jose. Macao. Anno de 1833.*
- Gong Shuze & Liu Delin 龔書鐸, 劉德麟 (2013), 《图说天下系列: 圖說清朝》, 知書房。 [*A Dinastia Qing através de imagens*, Taipei: Editorial Zhishufang.]
- [Grupo arqueológico das ruínas de Hemudu] (1980), 河姆渡遗址考古队, 《浙江河姆渡遗址第二期发掘的主要收获》, 《文物》, N° 5, 1-15. [Grupo arqueológico das ruínas de Hemudu, "Principais resultados obtidos na segunda escavação nas ruínas de Hemudu em Zhejiang", in *Wenwu*, n° 5, Pequim: Editorial Wenwu, pp. 1-15.]
- Gwinn, Robert P. (1993), *The new encyclopaedia Britannica*, vol. 6, vol. 7, 15ª edição, Chicago: Encyclopaedia Britannica.
- Harris, Lane J. (2008), "A "Lasting Boon to All": A note on the Postal Romanization



- of Places Names, 1896-1949", in *Twentieth-Century China*, vol. 34, 1, Maney Publishing, pp. 96-109.
- Heckler, E., Back, S., & Massing, E. R. (1988), *Dicionário Morfológico da Língua Portuguesa*, vol. 2, 2ª edição, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Gráfica UNISINOS.
- Hora, Dermeval da (2004), "Teoria da Variação: trajetória de uma proposta", in *Estudos linguísticos perfil de uma comunidade*, João Pessoa: Editora da UFPB, pp. 13-28.
- Huang Liuhong 黄六鸿 (1893), 《福惠全書: 32 卷》, 沙土園書行。 [*Fu hui quan shu: 32 tomos*, Pequim: Editora sha tu yuan shu hang.]
- Kotkin, Stephen (1996), "Defining Territories and Empires: from Mongol Ulus to Russian Siberia 1200-1800", in *Socio-Cultural Dimensions of the Changes in the Slavic-Eurasian World, Proceedings of the January 1997 Meetings at the SRC*, Sapporo: Hokkaido University, Slavic Research Center. Consultado em: <http://src-h.slav.hokudai.ac.jp/sympo/Proceed97/Kotkin1.html>
- Labov, William (1991), *Sociolinguistic patterns*, 11 edição, Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Levi, Joseph A. (2007), "Padre Joaquim Afonso Goncalves (1781-1834) and the *Arte china* (1829): An innovative linguistic approach to teaching Chinese grammar", in Zwartjies, Otto, Gregory James e Emilio Ridruejo (eds.), *Missionary Linguistics III / Lingüística misionera III: Morphology and Syntax. Selected papers from the Third and Fourth International Conferences on Missionary Linguistics, Hong Kong/Macau, 12-15 March 2005, Valladolid, 8-11 March 2006*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 211-231.
- Liu Xianbing 劉羨冰 (1994), 《雙語精英与文化交流》, 澳門基金會。 [*Pessoas Notáveis Bilingues e Comunicação Intercultural*, Macau: Fundação Macau.]
- Ljungstedt, A. (1836), *An historical sketch of the Portuguese settlements in China*, Boston: James Munroe & Co.
- Luo Zhufeng 罗竹风 (1994), 《汉语大词典》, 上海辞书出版社。 [*Comprehensive Chinese Word Dictionary*, vol. 1 (1986), vol. 3 (1989), vol. 5 (1990), vol. 6

- (1990), vol. 7 (1991), vol. 8 (1991), vol. 9 (1992), vol. 12 (1993), Shanghai: Hanyu Da Cidian Publishing House.]
- Martins, N. S. A. (2008), *Introdução à Estilística: A Expressividade na Língua Portuguesa*, 4ª edição, São Paulo: EdUSP.
- Mateus, M. H. M. (2005), "A mudança da língua no tempo e no espaço", in *A Língua Portuguesa em Mudança*, Lisboa: Caminho, pp. 13-30.
- Mei Lianhua 梅联华 (2011), 《画说中国传统民俗：农耕习俗》，江西美术出版社（美国艾思传媒）。 [*A Cultura Popular através das imagens: tradição agricultura*, Jiangxi: Jiangxi Meishu Chubanshe (Esphere Media).]
- Pontes, V. de Oliveira (2014), "Variação Linguística: Da Teoria Ao Ensino De Línguas", in *Produção e ensino de texto em diferentes perspectivas* [recurso eletrônico] / Rosângela Maria Bessa Vidal, Rosângela Alves dos Santos Bernardino, Antonio Luciano Pontes (Orgs.) – Dados eletrônicos. – Mossoró: Edições UERN, pp. 96-103.
- Preti, Dino (2003), *Sociolingüística: os níveis de fala: um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira*, 9ª edição, 1ª reimpressão, São Paulo: Cia, Editora Nacional, Biblioteca Universitária-Letras e Lingüística.
- Rao Qiuxia 饒秋霞 (2000), 《護生素食》，台北市：財團法人佛陀教育基金會。 [*Cozinha vegetariana chinesa saudável para a vida*, Taipei: The Corporate Body of The Buddha Educational Foundation.]
- Reppen, R., Fitzmaurice, S. M., & Biber, D. (eds.) (2002), *Using corpora to explore linguistic variation*, vol. 9, Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing.
- Ricci, M., & Trigault, N. (1953), *China in the Sixteenth Century: The Journals of Matthew Ricci, 1583-1610*, New York: Random House.
- Saussure, Ferdinand de (1992), *Curso de linguística geral*, tradução de José Victor Adragão, 6ª edição, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Silva, Innocencio Francisco da (1860), *Diccionario bibliographico portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva Aplicaveis a Portugal e ao Brasil*, vol. IV, Lisboa: Imprensa Nacional.

- Silveira, Ana Beatriz T. (2008), *Educação Linguística*, Curitiba, IESDE Brasil S.A.
- Siméon, R. (2004), *Diccionario de la lengua náhuatl o mexicana*, 17ª edição em espanol, vol. 1, Mexico: Siglo XXI Editores.
- Sun Ji 孙机 (2004), 关于汉代漆器的几个问题,《文物》,2004年第二十期, 48-56。  
["Questões sobre os objetos decorados com laca na dinastia Han", in *Wenwu*, nº 20, pp. 48-56.]
- Tao Yang (2013), *As fontes do P.<sup>e</sup> Joaquim Gonçalves para a criação do seu método contrastivo de ensino-aprendizagem do chinês (Arte China e Dicionários Português-China e China-Português)*, Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho, orientada por Anabela Barros e Sun Lam.
- Tarallo, F. (2005), *A pesquisa sociolingüística*, 7ª edição, São Paulo: Editora Ática.
- Teixeira, P.<sup>a</sup>. Manuel (1982), *A educação em Macau*, Macau : Direcção dos Serviços de Educação e Cultura.
- Theban, Laurentiu (1983), "Situação e perspectivas do português e dos crioulos de origem portuguesa na Índia e no Sri-Lanka", in *Congresso Sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo, Lisboa, 1983*, Actas, vol. I, 2ª edição, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, pp. 269-285.
- Thomaz, Luís Filipe R. (1983), "A língua portuguesa em Timor", in *Congresso Sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo, Lisboa, 1983*, Actas, vol. I, 2ª edição, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, pp. 313-338.
- Tomás, M. Isabel (1992), *Os Crioulos Portugueses do Oriente: Uma Bibliografia*, Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Trask, R. L. (2007), *Language and linguistics: the key concepts*, New York: Taylor & Francis.
- Uchida, Keiichi (2011), "The 19th-century Missionary Gonçalves and Perceptions of the Chinese Language: The Portuguese Lazarist Church and its Linguistic Policy", in *Journal of East Asian cultural interaction studies*, Osaka: Kansai University, Institute for Cultural Interaction Studies, pp. 229-241.
- Vigna, Ricardo (2013), "Saussure – Enfoque Científico da Língua". Consultado em: <http://ricardovigna.wordpress.com/estudos-de-semiotica-e-filosofia-da-language>

m/1-4-saussurre-enfoque-cientifico-da-lingua/

Wang Xuan'e 王宣峨 (2004), 《中国道教》, 北京: 五洲传播出版社。 [*O Taoismo na China*, Pequim: Wuzhou Chuanbo Chubanshe.]

Weinreich, U., Labov, W., & Herzog, M. (1968), "Empirical foundations for a theory of language change", in *Directions for Historical Linguistics: A symposium*, Austin: University of Texas Press, pp. 95-195.

Weiszflog, Walter (eds.) (1998), *Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa*, São Paulo: Melhoramentos.

Wolfram, W. (2006), "Variation and Language, an Overview", in *Encyclopedia of Language and Linguistics*, London: Elsevier, pp. 333-341.

Xavier, M. Francisca & Mateus, M. Helena (orgs.) (1992), *Dicionário de Termos Linguísticos*, vol. II, Lisboa: Edições Cosmos.

Xia Zhengnong & Chen Zhili 夏征农, 陈至立 (2009), 《辞海: 第六版彩图本》, 上海: 上海辞书出版社。 [*Cihai: the sixth edition in color pictures*, Shanghai: Shanghai Lexicographical Publishing House.]

Xiao Feng 萧枫 (2014), 《中国神话与传说故事解析》, 辽海出版社。 [*Lendas do Taoismo*, Liaoning Chubanshe.]

Xu Zhongshu (eds.) 徐中舒 (2010), 《汉语大字典: 九卷本》, 2版。武汉: 湖北长江出版集团·崇文书局; 成都: 四川出版集团·四川辞书出版社。 [*Great Compendium of Chinese Characters*, 2ª edição, Wuhan: Hubei Changjiang Publishing Group – Chongwen Publishing House, e Sichuan: Sichuan Publishing Group – Sichuan Lexicographical Publishing House.]

Yan Kai 严锴 (2014), 《民俗实用大全》, 华龄出版社。 [*Minsu Shiyong Daquan*, Hualing Chubanshe.]

Yang Jibo (1999), "The Names of the Portugal in Archival Documents in the Ming and Qing Dynasty", in *Historical Archives*, 4, 008, pp. 88-91. 杨继波, 1999, 明清档案文献中对葡萄牙的称谓, 《历史档案》, 4, 008, 88-91。

Zheng Tianting 郑天挺 (2003), 《清史》, 台北市: 雲龍出版社。 [*História da Dinastia Qing (Qingshi)*, Taipei: Editora Yunlong.]

Zheng Tianxiang (eds.) 鄭天祥, 黃就順, 張桂霞, 鄧漢增 (1994), 《澳门人口》,

澳門大學澳門研究中心編，澳門基金會出版。 [*População de Macau*, Macau: Fundação Macau.] Consultado no website: <http://www.macaudata.com/macaubook/book125/index.html>  
Zhu Jiefan 朱介凡 (1989), 《中華諺語志》，臺灣商務印書館。 [*Provérbio Chineses (zhōnghuá yànyǔ zhì)*, The Commercial Press in Taiwan.]